

Rafaella Lacerda Crestani



1290000171



FE

TCC/UNICAMP C865p

O Professor Inesquecível:

A mediação afetiva e sua influência na vida dos alunos.

Faculdade de Educação

UNICAMP

2002

Rafaella Lacerda Crestani

O Professor Inesquecível:

A mediação afetiva e sua influência na vida dos alunos.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como exigência parcial
para o curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação/UNICAMP,
sob orientação do Prof. Dr. Sérgio
Antonio da Silva Leite.

Campinas/SP

2002

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

FE
TCC-UNICAMP
C865p
172
124/2003
X
11.00
04 11.03
Matr. 310468

**Catlogação na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

C865p	Crestani, Rafaella Lacerda. O professor inesquecível : a mediação afetiva e sua influência na vida dos alunos / Rafaella Lacerda Crestani. -- Campinas, SP: [s.n.], 2002.
	Orientador : Sérgio Antônio da Silva Leite. Trabalho de conclusão de curso (graduação) -- Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
	1. Afeto (Psicologia). 2. Mediação. 3. Influência (Psicologia). 4.*Efeito. I. Leite, Antônio Sérgio da Silva. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	02-243-BFE

Dedico este trabalho...

Para os meus pais e para “minha avó” Maria (in memorian),

Como forma de agradecer a minha formação pessoal;

Como retribuição pela ajuda, apoio, incentivo, “mimos”,
dedicação, pelo exemplo e acima de tudo pelo amor.

Obrigada !

AGRADECIMENTOS :

Ao Prof. Dr . Sérgio Antônio da Silva Leite, por Ter aceitado ser meu orientador, pelos ensinamentos e pelas considerações que me fizeram refletir para o aprimoramento desta pesquisa.

Ao “Adê” da informática, por, prontamente me ajudar; pela incrível paciência !

À Lavínia da biblioteca, por ser sempre gentil comigo,

Aos professores da Faculdade de Educação- Unicamp, pela honra da convivência, pelos ensinamentos, pela minha formação profissional. Em especial, ao Renê, Ângela, Elisabeti, Norma, Zacarias, Neusa, Charles, Carmen Lúcia, Roseli.B., Maria Carolina e também ao professor Ademir e à professora Eliana da faculdade de Educação Física- Unicamp, por terem todos se tornado “ especiais” para mim.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Ao meu tio Dimas pela companhia constante e divertida nas viagens semanais de Ouro Fino a Campinas.

Aos meus “professores inesquecíveis” que de uma maneira ou de outra me acrescentaram algo de positivo além do ensino escolar e serviram como fonte de inspiração para esta pesquisa : Jairo, Grace, Eliana, Pedro, “Beleza”, “Vidal”, “Chico” e Hugo.

Ao coordenador Álvaro por estar sempre presente e pela ajuda importantíssima na época do vestibular.

Aos meus colegas de faculdade pelas conversas, por Ter aprendido algo importante com cada um . De forma especial à Tamy, Iracema, Paty Machado, Paty Reis, Dú, Lú, Clécios, Dani Anjos e Caru.

À AMIGA “Tina”, por tudo ...

Aos meus amigos, que me deram o prazer de relatarem suas histórias neste trabalho.

ÀS minhas grandes amigas: Lú e a Tá, por serem o ponto de apoio no meu cotidiano, pelos conselhos, pelas brincadeiras, pelos risos, pela festa do meu aniversário, pelo incentivo, por acreditarem piamente em mim, por estarem sempre por perto e prontas a me falar uma palavra amiga, por todo divertimento, pelos cachorros quente ! Pelas reuniões tarde da noite... enfim, por serem as responsáveis por grande parte do meu crescimento pessoal; por serem simplesmente quem são !

À Lídia, pelas palavras de carinho, pelos bilhetinhos, pela lição de vida, por ser uma das pessoas mais incríveis que já tive a honra de conviver .Dank !

Aos meus anjos da guarda terreno : Dr, Ricardo, Tarciso, “tia Beth”, por cuidarem de mim com tanto carinho.

À Neidoca (Neide) , por Ter sido a minha “mãe preta” nestes quatro anos de faculdade.

Aos meus amigos , todos ,sem exceção, pela torcida, pelo incentivo e pelo apoio.

À Guta, por servir de exemplo de força para mim; por sempre Ter me dado apoio na realização dos meus sonhos(por mais malucos que fossem !) e objetivos e principalmente por Ter certeza de que eu seria capaz de realizá-los.

À Andréa (minha irmã mais velha, de coração), por querer me ajudar, por me tratar como uma irmã de verdade.

Aos meus vizinhos, por torcerem muito por mim e pelas várias demonstrações de carinho, em especial à Isabel e à Geni.

Por fim, às pessoas da minha família que eu amo, por se preocuparem com o meu bem estar

A MAIOR REVOLUÇÃO DE TODOS OS TEMPOS É A
DESCOBERTA DE QUE AO MUDAR AS ATITUDES INTERNAS DE
SUAS MENTES, OS SERES HUMANOS PODEM MUDAR OS
ASPECTOS EXTERNOS DE SUAS VIDAS.

WILLIAN JAMES

Resumo

Neste trabalho encontram-se relatos de entrevistas que dizem respeito às experiências de vida dos sujeitos entrevistados se referindo à algum professor de maneira especial que tenha marcado a vida destes de alguma forma tanto no aspecto escolar e profissional como também no aspecto pessoal.

Esta pesquisa visa enfatizar a importância do professor na vida dos alunos, demonstrando que o mestre é visto muitas vezes como um modelo a ser seguido.

Este trabalho pretende chamar a atenção para a afetividade existente na relação professor-aluno colocando-a como algo fundamental no processo de ensino-aprendizagem.

Os pressupostos teóricos usados na análise dos dados obtidos nas entrevistas são baseados nas discussões de Wallon e Vygotsky acerca da emoção como base para o desenvolvimento humano.

Índice

Introdução.....	1
Pressupostos teóricos.....	3
Os sujeitos da pesquisa.....	16
A coleta de dados.....	22
Análise dos dados.....	26
Apresentação e Discussão.....	28
Referências bibliográficas.....	46
Anexos:	
Anexo 1.....	48
Anexo 2.....	58
Anexo 3.....	64
Anexo 4.....	72
Anexo 5.....	78
Anexo 6.....	81
Anexo 7.....	84

1. Introdução

Sempre me chamou a atenção a maneira dos professores ministrarem suas aulas: por que havia professores que eram amados por seus alunos e outros que eram odiados por eles.

Percebia que quando gostava de um determinado professor, acabava gostando da disciplina que era dada por ele. Percebia também que isso não acontecia somente comigo, mas sim com a grande maioria das pessoas do meu convívio.

Os professores me causaram fascínio; talvez por esse motivo eu tenha escolhido trabalhar na área da educação.

Quando entrei para a faculdade e fiquei sabendo que teríamos que fazer um trabalho de final de curso, não tive dúvidas que gostaria de escrever algo sobre a influência do professor na vida dos alunos, dando ênfase na afetividade na relação professor-aluno e na relação de ensino-aprendizagem.

Muitos professores passaram pela minha vida e acredito que, como na maioria das pessoas, deixaram marcas que carrego comigo tanto em relação à minha vida particular como também ao aspecto profissional.

Como os professores também sempre foram assunto nas rodinhas de conversa dos jovens, resolvi colocar no papel algumas dessas conversas com amigos e analisá-las de forma mais acadêmica: o que esse profissional representa para todos nós.

O objetivo deste trabalho é discutir sobre o papel do professor na vida das pessoas; como esse profissional tem influência na nossa rotina e muitas vezes não paramos para pensar nisso. Mesmo os próprios professores não têm

plena consciência de que podem influenciar direta ou indiretamente a vida de seus educandos.

Portanto, com este trabalho, pretendo discutir possíveis efeitos que a mediação do professor pode ter na vida dos alunos, tanto nos aspectos acadêmicos quanto pessoais, além de enfatizar a importância da mediação na apropriação do conhecimento e na formação do aluno.

2. Pressupostos Teóricos

Ainda hoje, alguns autores reconhecem que o estudo da vida afetiva representa uma lacuna nas pesquisas em Psicologia.

O aspecto cognitivo do desenvolvimento humano, desde muito tempo, obteve maior atenção nas pesquisas educacionais, tendo predomínio sobre os afetivos.

Recentemente, a partir de pressupostos teóricos com forte marca social, surge uma nova concepção: uma concepção integradora do homem. Esta visão defende o entrelaçamento entre os aspectos cognitivos e os afetivos. Com relação à sala de aula, há uma preocupação em que o aluno tenha vontade e desejo de aprender. Mais do que isto, defende a indivisibilidade do homem, ou seja, esta visão alega que o homem não deve ser visto como um ser dividido em partes; deve-se ter em mente que o ser humano deve ser estudado, como uma unidade, em todos os seus aspectos. Por exemplo, o aspecto cognitivo não deve ser separado do aspecto emocional, um está ligado ao outro.

O aspecto emocional deve ser visto como um aspecto tão importante quanto a própria inteligência e, como ela, está presente no ser humano. A emoção deve ser entendida como uma ponte que liga a vida orgânica à psíquica do indivíduo. É a parte necessária para a compreensão global da pessoa.

Autores como Wallon e Vygotsky têm defendido em suas obras o papel da interação social para o processo de aprendizagem. Conseqüentemente, os aspectos afetivos emergem como dimensão essencial para o desenvolvimento humano.

Esses autores defendem que as relações de ensino e aprendizagem são movidas pelo desejo e pela paixão e que, portanto, é possível identificar as condições afetivas favoráveis que facilitam a aprendizagem.

As pesquisas que tratam dessa questão, em linhas gerais, buscam identificar a presença de aspectos afetivos na relação professor-aluno e as possíveis influências destes no processo de aprendizagem.

Na linguagem do senso-comum, há uma falta de clareza sobre o que é a emoção, a afetividade e o sentimento.

Para as Ciências os aspectos afetivos apresentam uma certa dificuldade de estudo, tanto na conceituação, como também com relação à metodologia de pesquisa e de análise. Na literatura, em geral, encontra-se a utilização dos termos afeto, emoção e sentimento como sinônimos.

Na maioria das vezes, o termo emoção encontra-se relacionado ao componente biológico do comportamento humano, envolvendo as reações fisiológicas. Já o termo afetividade é utilizado com uma significação mais abrangente, referindo-se às vivências dos indivíduos (Tassoni, Leite, 2002).

Na concepção Walloniana, o sentimento, a emoção e a paixão surgem cada um a seu tempo, com formas de expressões diferentes embora muito relacionadas. O sentimento se caracteriza por reações mais psicológicas, menos instintivas; as reações emocionais são mais ocasionais, instantâneas e diretas. Já a paixão busca transformar seus desejos em realidade, portanto, as paixões contam com o raciocínio como parceiro nesse anseio (Almeida, 2001).

Abaixo Wallon (1994) diz:

“Se as teorias intelectualistas da emoção foram possíveis é em razão da preponderância adquirida pelos motivos e imagens intelectuais no domínio dos sentimentos e das paixões. O seu erro foi não terem notado a redução simultânea do aparelho verdadeiramente emocional, de terem confundido emoção e sentimento ou paixão, quando afinal daquele para estes se opera uma transferência funcional que, na criança, depende diretamente da idade. Mas os mais emotivos não se tornam necessariamente os mais sentimentais ou mais apaixonados, longe disso. Trata-se, com efeito, de tipos diferentes, que mantêm um equilíbrio diferente entre as atividades psíquicas” (p. 127).

E continua,

“(...) os fenômenos afetivos representam a maneira como os acontecimentos apresentam na natureza do ser humano, produzindo nele um elenco de reações matizadas que definem seu modo de ser-no-mundo. Dentre esses acontecimentos, as atitudes e as reações dos seus semelhantes a seu respeito são, sem sombra de dúvida, os mais importantes, imprimindo às relações humanas um tom de dramaticidade. Assim sendo, parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam (...). São as relações sociais, com

efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações, etc) um sentido afetivo” (p. 130-131).

Desta forma, os fenômenos afetivos estão diretamente relacionados com as relações sociais, com a qualidade das interações entre as pessoas, expressas nas experiências vivenciadas.

Os estudos baseados na abordagem histórico-cultural vêm demonstrando que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo constituído nas relações sociais. Um dos autores que falam sobre essa abordagem é Vygotsky.

Para compreender melhor a visão psicológica vygotskyana é necessário falar sobre o conceito de mediação. Mediação, em termos genéricos, é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento.

Vygotsky trabalha, então, com a noção de que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas, fundamentalmente, uma relação mediada. Para ele, existem ferramentas auxiliares, mediadoras das atividades humanas com o mundo real (Oliveira, 2001).

Vygotsky dividiu dois tipos de elementos mediadores: os instrumentos e os signos. O instrumento é um elemento colocado entre o trabalhador e o objeto de seu trabalho, ampliando as possibilidades de transformação da natureza; ele (instrumento) é buscado para um determinado fim, é um objeto social e mediador da relação entre o indivíduo e o mundo.

Os signos, por sua vez, também chamados por Vygotsky de “instrumentos psicológicos”, são orientados para o próprio sujeito, para dentro do indivíduo (idem).

Nas palavras de Vygotsky (1994):

“A invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher, etc) é análoga à invenção e uso de instrumentos só que agora no campo psicológico. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de instrumento no trabalho” (p. 59-60).

A idéia de mediação, encontrada em Vygotsky, que envolve basicamente a idéia de que a relação sujeito-objeto não é direta e conta com um elo intermediário, constituído tanto pelos sistemas simbólicos, como pela ação de outro sujeito, permite defender que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de inserção na cultura em que a criança, através da interação social com as pessoas que a rodeiam, vai se desenvolvendo.

Este autor destaca a importância do outro não só no processo de construção de conhecimento, mas também de constituição do próprio sujeito e de suas formas de agir, na sua personalidade.

Dessa maneira, pode-se supor que as experiências vivenciadas com as outras pessoas marcam e conferem aos objetos de conhecimento um sentido afetivo, determinando, dessa forma, a qualidade do objeto apropriado pelo sujeito que poderá influenciá-lo de alguma maneira. Por isso, os processos de

significação estão diretamente ligados às interações sociais, ou seja, à mediação feita pelo outro.

Pino (mimeo) argumenta que o processo para se conhecer o ser humano:

“(...) envolve três elementos, não apenas dois: o sujeito que conhece, a coisa a conhecer e o elemento mediador que torna possível o conhecimento”. (p.128).

Nas palavras de Tassoni (2001):

(...) embora a atividade de conhecer pressuponha a existência no sujeito de determinadas propriedades que o habilitam a captar as características dos objetos, há fortes razões para pensar que o ato de conhecer não é obra exclusiva nem do sujeito, nem mesmo da sua interação (direta), mas da ação do elemento mediador, sem o qual, não existe nem sujeito nem objeto de conhecimento “(p.3).

Na sala de aula, os indivíduos internalizam as experiências afetivas com relação a um objeto específico porque a afetividade permeia, constantemente, os processos interativos. Neste espaço interativo, acontecem transformações: as ações são partilhadas e a construção do conhecimento dá-se de forma conjunta.

Pensando no processo de aprendizagem, pode-se supor que as experiências vividas em sala de aula vão determinar a natureza afetiva da relação do aluno com o objeto de conhecimento. A qualidade da mediação desenvolvida pelo professor pode gerar diferentes tipos de sentimentos na relação do aluno com tal objeto, como afirma Tassoni (2001):

"A intervenção pedagógica que se processa a partir da interação professor-aluno promete tanto a construção do conhecimento, como também vai marcando afetivamente o objeto a ser conhecido. É pois, a qualidade dessa mediação que imprime uma carga afetiva, positiva ou negativa, na relação do sujeito com o objeto de conhecimento. Desse modo, os aspectos afetivos participam de igual maneira e em conjunto com os cognitivos, no processo de aprendizagem".(p.04)

A psicanálise faz abordagens no campo da afetividade também. Segundo ela, as relações afetivas estão relacionadas a uma matriz inicial da relação da criança com seus pais, que é reeditada em relações posteriores, baseando-se nos conceitos de transferência e contratransferência. Pensando no âmbito educacional, o aluno transfere para o professor algumas experiências vividas com os pais. A transferência pode ser positiva: relações de amor, respeito, aceitação, etc; ou ser negativa: relações de ódio, afastamento, rejeição, ataque. (Apud Tassoni, 2000).

Snyders (1993) destaca a necessidade da escola olhar o indivíduo na sua totalidade, buscando a inter-relação entre o afetivo e o cognitivo, afirmando que.

"De todos os conhecimentos, da geografia à matemática, esperam-se ressonâncias afetivas. Todos sabemos que, para o aluno, o conhecimento é trazido pelo afetivo: ele aprende realmente

bem o que o cativa, numa atmosfera de aula que lhe parece segura, com um professor que sabe criar finalidades. Eis porque a escola, ao mesmo tempo, tem necessidade de conciliar o intelectual e o afetivo, e constitui um local privilegiado para essa conciliação”.(p. 62)

O processo de interação da sala de aula pressupõe um espaço onde todos devem ter oportunidades de falar, formular suas hipóteses, enfim, dar sua opinião,

“A relação professor-aluno é ao mesmo tempo afetiva e de progresso cultural (progresso na conquista da cultura) é afirmar que o elemento intelectual está apto a se unir aos elementos de sentimento. Dizer que essa relação escolar pode proporcionar alegria é garantir que o elemento intelectual contém como que apelo à junção com os elementos de sentimento quando ambos são vividos com bastante profundidade. Reciprocamente, o afetivo dá acesso ao intelectual: o sentimento paixão torna-se compreensão e, portanto saber”.(Snyders, 1993: 91).

Pode-se supor que a qualidade da mediação pode gerar diferentes tipos de reações e sentimentos na relação do aluno com as atividades propostas, com a disciplina e consigo mesmo. É nítida a relevância do professor no processo de ensino-aprendizagem: ele é o principal mediador dos processos na sala de aula. O trabalho que realiza concretamente, como age, como inspira confiança, como trata o conteúdo, que tipo de atividade realiza, como corrige,

como avalia, como lida com o erro, etc, vai influenciar certamente a sua relação com os alunos. ✕

As interações e as relações de ensino podem transformar o processo de desenvolvimento do aluno. Nesse processo, a atuação facilitadora do professor é fundamental.

Para Wallon (1968), a afetividade desempenha um papel fundamental na constituição e funcionamento da inteligência, determinando os interesses e necessidades individuais. Defende que a afetividade consiste no primeiro e mais forte vínculo afetivo entre os indivíduos.

Estabelece uma distinção entre emoção e afetividade. Segundo ele, as emoções são manifestações de estados subjetivos, mas com componentes orgânicos. As emoções consistem essencialmente em sistemas de atitudes que correspondem, cada uma, a uma determinada espécie de situação. A afetividade por sua vez, tem uma concepção mais ampla, envolvendo uma gama muito maior de manifestações, englobando sentimentos (origem psicológica) e emoções (origem biológica).

Para este autor, a afetividade tem papel fundamental na vida do indivíduo. Nas palavras de Tassoni (2001),

“Vai desde a comunicação nos anos iniciais, sendo expressa basicamente através de impulsos emocionais, estabelecendo os primeiros contatos da criança com mundo. Permeia a relação entre a criança e o outro, constituindo elemento essencial na construção da identidade, onde a criança vai passando por um processo de diferenciação. A afetividade também possibilita o avanço cognitivo,

no sentido de que são os desejos, intenções e motivos que vão mobilizar a criança na seleção de atividades e objetos.” (p. 05)

De acordo com psicogênese Walloniana, é através da afetividade que o indivíduo acessa o mundo simbólico, dando origem à atividade cognitiva. As conquistas intelectuais são incorporadas à afetividade, dando-lhe um caráter eminentemente cognitivo. Afirma que a criança acessa o mundo simbólico por meio das manifestações afetivas que permeiam a mediação que se estabelece entre ela e os adultos que a rodeiam. Defende que a afetividade é a fonte do conhecimento. Nas palavras de Wallon (1968):

“As influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço não podem deixar de exercer uma ação determinante na sua evolução mental. Não porque originem completamente as suas atitudes e as suas maneiras de sentir mas, pelo contrário, precisamente porque o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas mantém em potência e, por seu intermédio, às reações íntimas e fundamentais. Assim se mistura o social com o orgânico”.(p.150)

Para a psicogênese Walloniana, o meio social, no caso a escola, é por excelência um complemento indispensável à integração do eu. Desse modo, o professor revela-se como alguém necessário na trajetória da delimitação do eu.

Na psicogênese Vygotskiana defende que o pensamento tem sua origem na motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses,

impulsos, afeto e emoção e que esses fatores devem se ligar à memória, ao pensamento, à imaginação e vontade.

Percebe-se que as duas psicogêneses têm pensamento semelhante no que diz respeito à afetividade. Os dois assumem o seu caráter social e têm uma abordagem de desenvolvimento para ela, demonstrando, cada um à sua maneira, que as manifestações emocionais, portanto de caráter orgânico, vão ganhando complexidade, passando para o campo simbólico. Dessa maneira, ampliam-se as formas de manifestações, constituindo os fenômenos afetivos.

Ambos defendem a íntima relação que há entre o ambiente cultural/social e os processos afetivos e cognitivos, além de concordarem que os dois se inter relacionam e se influenciam mutuamente.

Diante do que foi mencionado, evidencia-se a presença contínua da afetividade nas interações sociais, além da sua influência também contínua nos processos de desenvolvimento cognitivo. Nesse sentido, pode-se pressupor que as interações que ocorrem no contexto escolar também devem ser marcadas pela afetividade em todos os aspectos. Pode-se dizer que a afetividade se constitui como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (alunos e professores) e os diversos objetos de conhecimento (áreas e conteúdos escolares), bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas desenvolvidas.

As interações e as relações de ensino podem transformar o processo de desenvolvimento do aluno. Nesse processo, a atuação do professor pode ser fundamental.

A vida emocional deve ser considerada por todos os que participam das atividades cotidianas dos indivíduos. É importante que o professor conheça seus alunos não somente no aspecto cognitivo, mas também no emocional; para poder garantir positivamente as interações, enfim, as experiências vividas na escola.

A escola não deve se limitar somente ao cumprimento da instrução, mas sim, e principalmente, cabe também a ela a função de desenvolver a personalidade da criança, pois a mesma convive em grupo, obedece a horários pré-estabelecidos, respeita regras, sua vida sofre várias mudanças em função dos interesses da escola. Enfim, esta instituição não deve desarticular a vida afetiva com a vida intelectual para poder promover o desenvolvimento de ambas.

Parece inquestionável que a escola tem um papel importante na formação do indivíduo. É sabido que as experiências e os conhecimentos vivenciados na escola, e por meio dela, possuem um importante significado para o desenvolvimento social e afetivo da criança; certamente o professor tem uma participação ímpar nesse processo.

Defende-se que as interações em sala de aula devem ter um caráter particular, dando ao professor o papel de mediador no processo afetivo a que a criança passa, assumindo seu papel também na formação de seus alunos.

A ausência de uma educação que aborde a emoção na sala de aula traz prejuízos para a ação pedagógica, pois suas conseqüências atingem não só o professor como também o aluno. Considera-se que o estudo da afetividade é um suporte necessário para a atuação do professor, por isto é preciso saber mais sobre as relações afetivas em sala de aula.

Para Patto (1990), *"nessa relação sem vínculos tanto com quem ensina como com quem aprende, dificilmente haverá aprendizagem"*.(p. 157)

3. Os sujeitos da pesquisa

Para retomar, o objetivo da pesquisa é discutir sobre o papel do professor na vida das pessoas: como esse profissional tem influência na nossa rotina e muitas vezes não paramos para pensar nisso. Mesmo os próprios professores não têm plena consciência de que podem influenciar direta ou indiretamente a vida de seus educandos.

Pela natureza da pesquisa, escolheram-se sujeitos que tivessem vivenciado experiências marcantes, tanto no aspecto positivo quanto no negativo, que pudessem e quisessem relatá-las para servir como referência para o presente trabalho.

Os sujeitos da pesquisa são pessoas conhecidas da pesquisadora. Optou-se por estas pessoas entre outras coisas pela familiaridade, sendo assim mais fácil a comunicação entre a pesquisadora - sujeito.

Chegou-se até eles através de conversas informais, por telefone ou por encontros casuais.

Foi pedido para aqueles que tinham algo interessante para contar, escrever um pequeno texto relatando algum episódio em especial, citando um professor, aqui chamado de "inesquecível". Com exceção de um dos sujeitos, que não entregou nada escrito, alegando não gostar muito de escrever, os outros três entregaram tais textos.

Foram selecionados quatro sujeitos de acordo com as histórias contadas ou escritas por eles, por julgar que elas continham fatores interessantes para serem explorados na presente pesquisa.

Depois de selecioná-los, coube à pesquisadora "convocar" os quatro sujeitos para a entrevista, individualmente, com o objetivo de obter o máximo de informações necessárias para a pesquisa.

Algumas entrevistas demoraram a ser realizadas por incompatibilidade de tempo, visto que todos os sujeitos além de serem estudantes universitários, também trabalham.

Todas as entrevistas foram únicas, já que não houve necessidade de serem feitas outras. A seguir, encontra-se quem são estas quatro pessoas entrevistadas:

Sujeito A:

O sujeito A tem vinte e dois anos, está cursando o quarto ano de direito.

Atualmente trabalha no Juizado Especial Civil de Campinas.

Tem um livro publicado e já tem algumas poesias prontas para um novo lançamento.

O sujeito aceitou participar do trabalho depois de ter conversado com a pesquisadora por telefone; como já sabia de sua admiração por um determinado professor e também da grande influência que este professor teve na vida do sujeito, ficou mais fácil de se chegar até ele.

O entrevistado aceitou prontamente participar do trabalho, se dispondo a dar quantas entrevistas fossem necessárias.

Ele escreveu um pequeno texto a pedido da pesquisadora, um texto muito bonito por sinal, que falava de sua admiração e gratidão que tem pelo professor que citou. Isso antes da entrevista.

A primeira e única entrevista aconteceu na casa da pesquisadora da cidade de Ouro Fino; durou por volta de duas horas; foi uma entrevista bem descontraída e produtiva para a pesquisa.

Para o sujeito A, o professor tido para ele como inesquecível, será nomeado na pesquisa pela letra B.

Na narrativa, A conta que este professor foi mais que um professor, chegou a ser um referencial de vida. Conta que o professor B o ajudou a realizar um sonho que para ele era antes totalmente impossível e sem razão se ser. O sonho era escrever um livro de poesias e se realizou devido à ajuda e ao incentivo dado pelo referido professor. Conta que este professor também o ajudou a vencer barreiras, dificuldades que estava enfrentando naquele momento, que foi além de tão um amigo, uma pessoa com quem ele poderia contar dentro e fora da sala de aula e por isso se tornou uma pessoa inesquecível.

Sujeito B

O sujeito B tem vinte e dois anos, está cursando o quarto ano de direito.

Atualmente trabalha como monitor de Supervisão na Telesp Celular.

A história do sujeito B foi descoberta pela pesquisadora durante uma conversa informal. Foi pedido ao sujeito que este escrevesse algumas palavras sobre o fato ocorrido que o tinha feito lembrar e Ter consciência da importância de um determinado professor.

Este pedido foi atendido prontamente pelo sujeito. O texto escrito por ele, relatava um fato que tinha acontecido dias antes da nossa conversa, o qual tratava de uma ajuda prestada por ele a um homem que mora na rua e estava

à beira da morte. B relata em seu texto que o homem estava em estado sub-humano e mesmo assim ele o ajudou sem preconceitos.

Este fato o fez lembrar que essa vontade de ajudar pessoas foi despertado nele por um professor que se tornou para ele um modelo de professor e pessoa a ser seguido, uma pessoa que se tornou inesquecível pelos valores dentro e fora da sala de aula.

A entrevista aconteceu no local onde a pesquisadora mora, em Campinas, durou por volta de uma hora e meia. Foi uma entrevista tranqüila, comovente e satisfatória para a finalidade da presente pesquisa.

O professor citado será chamado aqui de J. Além de J ser uma pessoa de valores nobres, ele criou no sujeito entrevistado a vontade de também ser um professor, um professor comprometido com o ensino e com o aluno, visando valorizar os aspectos afetivos na sala de aula.

Sujeito C

O sujeito C tem vinte e três anos, está cursando Administração de Empresa. Trabalha no setor de finanças da Universidade.

A entrevista com o sujeito C se deu de uma maneira totalmente inesperada. Ele chegou à casa da pesquisadora tarde da noite, empolgado querendo participar do trabalho, pois tinha ficado sabendo por intermédio de uma outra pessoa sobre essa pesquisa e fez questão de participar.

Ele queria relatar um fato desagradável que tinha acontecido com ele na sexta série, o qual diz respeito a uma reação da professora que ele adorava. Esta reação causou um estrago na vida escolar e pessoal desse sujeito. Foi

apenas um momento, mais precisamente uma frase, mas teve um peso enorme para C. Os efeitos dessa mediação foram muitos e ele relata com certa mágoa nos olhos.

Neste caso, o sujeito não escreveu nenhum texto, apenas contou à pesquisadora o fato e por tratar-se de algo relevante para a pesquisa, a entrevista aconteceu minutos depois do sujeito ter relatado o acontecimento. O sujeito portanto teve que repetir a história para ser gravada.

A entrevista durou um pouco mais de uma hora , foi tranqüila, embora com um tom de desabafo e revolta.

A professora citada neste caso será chamada de M. Neste caso a professora se tornou inesquecível por ter gerado grandes aborrecimentos na vida escolar e pessoal deste aluno. Ela foi marcante para este aluno, só que no aspecto negativo.

Sujeito D

O sujeito D tem vinte e um anos, está cursando o quarto ano de direito. Trabalha atualmente como estagiário.

A entrevista com o sujeito D aconteceu na casa da pesquisadora, durou por volta de duas horas e foi particularmente interessante pelo fato da pesquisadora ter presenciado os fatos relatados e também ter sofrido de uma certa maneira os efeitos que as mediações deste professor causaram neste sujeito.

A pesquisadora chegou até este sujeito através de conversas informais por telefone. D também escreveu um pequeno texto relatando um dos fatos que iria mais tarde dizer à pesquisadora e gravar durante a entrevista.

Neste caso, o professor tido como inesquecível marcou o sujeito negativamente e se tornou inesquecível por ter tornado a convivência em sala de aula muito ruim, sem motivação alguma. Este professor fez com que o entrevistado se desinteressasse pela disciplina matemática tendo como consequência seu baixo rendimento na matéria.

As consequências das mediações deste professor na vida deste aluno não se restringiram apenas à parte escolar, mas também a questões de ordem pessoal.

O professor citado será nomeado aqui pela letra Z

4. A coleta de dados

De acordo com o referencial teórico assumido nesta pesquisa, é pela mediação do outro que as manifestações afetivas ganham significado e sentido. Portanto, a entrevista é uma boa opção para acessar informações a partir da história dos indivíduos.

Nas palavras de Lüdke e André (1986)

"Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica". (p. 33-34)

Assim, para se alcançarem os objetivos deste trabalho, optou-se pela entrevista recorrente, pois como defendem Lüdke e André(1986)

"(...) parece claro que o tipo de entrevista mais adequado para o trabalho de pesquisa que se faz atualmente em educação aproxima-se mais dos esquemas mais livres, menos estruturados. As informações que se quer obter (...) são mais convenientemente abordáveis através de um instrumento mais flexível." (p.34)

No procedimento de entrevista recorrente, o princípio básico é a interação recorrente entre o pesquisador e o sujeito, entendida como fundamental para a construção do conhecimento sobre uma determinada situação problema, ou seja, pesquisador e participante contribuem para a construção de um conhecimento sobre um tema.

Pode-se dizer que a interação recorrente é como uma espécie de interação social planejada (Larocca, 1996).

Deve, portanto, haver um entrelaçamento das ações do pesquisador e do participante pois cada um dos interlocutores interfere na ação do outro ao longo da interação recorrente, postura que supõe necessariamente a inexistência da neutralidade frente ao comportamento da pesquisa .

As narrativas são iniciadas a partir de uma pergunta ampla. A partir dessa pergunta, o sujeito verbaliza livremente suas experiências.

Na entrevista recorrente, quem dirige a entrevista e o depoimento, quem decide o que deve ser narrado e como, é o informante. Ele é quem coordena a narrativa segundo sua vontade e julgamento do que deve contar. Neste sentido, apresenta-se não só como aquele que contém a informação, mas também como aquele que detém o controle da narração.

As interferências do pesquisados são mínimas, pois, na coleta de dados, o que interessa é a experiência do sujeito (informante). É tudo que é relatado interessa ao pesquisador, uma vez que auxilia a explicação dos fatos.

A meta da entrevista recorrente é o esclarecimento de uma situação apresentada pelo pesquisador, a qual, na presente pesquisa, se norteou pela seguinte pergunta: **Ao longo de sua história de vida, você teve algum professor inesquecível que o tenha marcado, a ponto de ter causado**

alguma influência na sua vida, tanto no aspecto positivo como no negativo?

Os conteúdos dos relatos dos sujeitos são referências que eles fazem a respeito de suas próprias ações ou ações de outros (...) os relatos se referem ao produto de um processo (...) o relato já encerra, pois, uma conceitualização que o sujeito fez dos episódios que vivenciou. É produto de reflexões que envolvem alguma espécie de abstração, classificação e estabelecimento de relações entre eventos. (Grotta 2000).

De posse, então, dos relatos do sujeito, cabe ao pesquisador proceder à busca do significado daquilo que lhe foi relatado. Este significado, segundo Engelmann (1983), é *“aquilo que se encontra atrás da fala em seu nível de organização mais molar.”* (p. 142)

É preciso considerar que o relato verbal emitido não é, na maior parte das vezes, idêntico ao apreendido pelo pesquisador no diálogo interativo.

O pesquisador “transforma” o relato verbal em linguagem escrita; portanto, age sobre o relato verbal do sujeito. Para Zanelli (1992) *“a transcrição constitui uma versão oral do sujeito que inclui elementos do universo transcritor”* (p. 65). Em outras palavras, o pesquisador infere sobre as verbalizações, compreendendo-as dentro de seu próprio universo de conhecimentos, experiências e valores.

Neste sentido, a checagem, pelo participante, de tudo que foi transcrito representa uma estratégia importante para garantir a fidedignidade do significado apreendido das mesmas.

O procedimento todo, portanto,

“Supõe duas fases da análise: a da organização que se dá a cada entrevista, visando à checagem e ampliação dos dados e, posteriormente, a da análise final, na qual o pesquisador, de posse do material obtido nas consultas recorrentes, passa a procurar estabelecer inter-relações dos conteúdos tendo em vista a interpretação dos dados resultantes”. (Larocca, 1996: 32)

Em síntese, o procedimento de entrevistas recorrentes, nesta pesquisa, envolveu interações verbais sucessivas e planejadas entre pesquisadora e sujeito na intenção de obter o máximo de informações sobre o tema a ser pesquisado. Ao longo da coleta de dados, coube à pesquisadora apresentar, a cada sessão, os conteúdos já relatados pelo sujeito e analisados de maneira sistematizada, agrupando-os em categorias. Ao sujeito, coube não só relatar suas experiências mas também participar das análises.

]5. Análise dos dados

A análise dos dados se deu da seguinte forma: inicialmente, após cada entrevista a pesquisadora transcrevia e organizava o que foi narrado, inserindo dúvidas.

Posteriormente, esta transcrição foi apresentada para cada um dos entrevistados, para que estes pudessem ler a narrativa já transcrita e avaliar o que foi transcrito. Não houve necessidades de nenhuma mudança e também não foi preciso realizar outra entrevista com os sujeitos, visto que os dados obtidos foram tidos como satisfatórios pela pesquisadora e por eles.

Após várias leituras das entrevistas, a pesquisadora dividiu todos os relatos em dois conjuntos. Todas as falas que se referiam à mediação do professor propriamente dita foram classificadas no quesito "mediação". Já as falas que se referiam às conseqüências causadas pelas intervenções pedagógicas dos professores citados foram classificadas como "efeitos".

O conjunto denominado "mediação" contém relatos referentes às interferências do professor em sala de aula com o aluno em questão ou até mesmo fora da sala de aula. Incluiu a maneira como o professor ministrava suas aulas e como lidava com seus alunos. Buscava-se identificar os componentes afetivos dessas relações.

O conjunto denominado "efeito" envolvia relatos descrevendo o produto da mediação, ou seja, o que a mediação do professor causou no aluno com relação a um determinado acontecimento ou simplesmente com relação à maneira com que o professor conduzia a aula e sua relação com os alunos. Também procurou-se identificar os aspectos afetivos.

Estes dois conjuntos serviram como base para a análise, pois esta visa identificar efeitos das mediações do professor na vida do aluno.

Após essa organização, coube à pesquisadora selecionar os relatos verbais mais relevantes e reorganizá-los mais uma vez, agora em categorias. Para estas categorias foram dados títulos variados, visto que cada uma envolve um determinado assunto.

Cabe dizer também que os títulos das categorias variam de um sujeito para outro por se tratar de conteúdos diferentes, ou com ênfase diferentes.

Para a análise final dos relatos, utilizou-se como critério o assunto envolvido nas mesmas. Procurou-se agrupar todos os relatos que se referissem ou tivessem ligação com uma determinada temática.

Portanto, o produto final corresponde às categorias; elas representam as respostas obtidas para a questão colocada previamente no objetivo geral.

Concluindo, para o processo de análise dos dados, coube à pesquisadora, além de apresentar o tema a ser pesquisado ao entrevistado, também agrupar os conteúdos relatados em categorias. Ao sujeito, coube não só relatar suas experiências mas também participar das análises iniciais, lendo o que foi transcrito e avaliando se era necessária alguma mudança. Com exceção apenas de um sujeito, os outros três entrevistados também participaram da pesquisa, redigindo um pequeno texto, no qual fizeram comentários sobre o seu "professor inesquecível", que se encontram em anexo neste trabalho.

6. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO :

Os dados obtidos nesta pesquisa se encontram em anexo, ou seja, as entrevistas com os quatro sujeitos divididas em categorias enfatizando os aspectos: "mediação" e "efeito" das narrações dos sujeitos.

A discussão que se faz aqui engloba a importância do trabalho do professor nos seus múltiplos aspectos. Dentre os mais relevantes está a questão da influência do professor na vida de seus alunos, sua importância na formação política, social, emocional, cognitiva e na construção da sua auto-estima.

Os quatro casos apresentados aqui demonstram a relevância de um bom relacionamento professor-aluno na aprendizagem deste, além de ter grande influência na vida pessoal também. São relatos que falam de pessoas afetadas pelas atitudes de professores, algumas de uma maneira positiva e outras negativa.

O ponto central da discussão gira em torno da questão ética envolvido no trabalho do professor, visto que este tem um papel privilegiado perante a sociedade, podendo influir, através de seu trabalho e de suas atitudes, no modo de pensar do aluno e, conseqüentemente, alterar suas algumas concepções de homem e de mundo.

Como o trabalho do professor nunca é neutro, visto que mesmo optando por não comentar suas opiniões pessoais em sala de aula, está mantendo uma postura de concordância com uma situação existente, este profissional é responsável pela formação do aluno e deve ter a clareza de que é também

responsável pelas mudanças sociais ou pela simples reprodução da sociedade vigente.

Muitas vezes o professor não tem essa consciência, ou seja, não percebe que suas palavras podem interferir na maneira de ser do aluno, na sua vontade em aprender, na sua vida pessoal. Nesta pesquisa, encontram-se relatos que dizem respeito a essas mediações feitas pelo professor e suas conseqüências, algumas drásticas, na vida de um educando.

Em um dos casos apresentados aqui, como pode ser visto no anexo três, bastou uma frase da professora, até então idolatrada pelo sujeito, para que este se sentisse tão humilhado a ponto de mudar totalmente sua atitude: de aluno esforçado e dedicado aos estudos, passou a ser um aluno assumidamente "mediocre".

Como diz Tassoni (2001) :

" A forma como o professor lida com o erro reflete diretamente na tranquilidade do aluno em arriscar-se, melhorando sua autoconfiança" (p.19).

Algumas vezes o professor espera tanto de seus alunos que, quando estes não correspondem às suas expectativas, acaba se frustrando e, o que é pior, frustrando o aluno também.

Com relação a isso, Snyders(1993) coloca que :

" É no interior das relações mais ricas que pode ocorrer um tipo de drama escolar: o professor deseja conduzir os alunos até o mais supremo e se decepcionar por não conseguí-lo; e o aluno sente

que o supremo está em jogo: decepciona-se por causa da decepção do professor e por ficar não aquém das expectativas"(p.90)

Nas palavras do próprio sujeito C :

"... a motivação diminuiu, então minha energia aplicada naquilo diminuiu também, por exemplo, na prática, quando está interessado, o aluno senta na primeira carteira, participa da aula; a partir daí eu não fiz questão de me destacar, eu fiz questão de ser um comum, sentava nas carteiras do meio, não perguntava nada, simplesmente fazia provas trabalho e, eu não pensava em destacar, apenas fazia o que tinha que fazer

(...) pelo menos na minha situação, quando me senti humilhado a primeira vez eu não tive coragem de voltar a dar a cara à tapa, não tive mais coragem de tentar enfrentar e tentar me destacar de novo

(...) eu tentei ser o mais apagado possível, eu não sentava nem no fundo nem lá na frente, fiquei quieto, na minha (...) eu fiquei com medo de me expor."

Depois deste episódio , este aluno passou a faltar na aula sempre que tinha um desafio. Esta esquiva acontecia também na sua vida pessoal, como dito acima, o medo de se expor superou até o " sonho de lidar com a oratória ".

Para Snyders :

"Perante os colegas, perante um professor sabido, o aluno sente medo de não estar à altura e o temor se traveste facilmente em críticas e em recusa. O medo do fracasso, o medo de enfrentar o

difícil ocasionam mecanismos profundos de defesa: ceticismo generalizado, recusa das obrigações e avaliações". (p.16)

Nas palavras de C :

" A partir daquele dia fiquei muito magoado e todas as vezes que eu tinha que entregar um trabalho no prazo e eu não tinha feito, não pensava duas vezes e matava aula, inclusive até os dias de hoje, quando eu tenho alguma coisa para entregar na escola e eu não ainda não estou dentro do prazo, eu mato aula."

(...) Uma coisa interessante . Nesse período, nunca mais me aventurei em usar a oratória. Inclusive quando eu vinha a Ouro Fino, me pediram para eu ler na missa, nossa, nunca que eu fazia isso !

(...) me influenciou sim, na minha vida, não no cotidiano, mas toda vez que entrava em desafio a oratória de novo, eu corria! "

A relação deste sujeito com a professora, que antes do fato citado era muito boa, estremeceu bastante, chegando depois de um tempo, a limitar-se só em responder perguntas breves .Como relata o sujeito C:

" Depois disso, ela diminuiu um pouco a motivação que ela tinha por mim, ela não me empolgava tanto, não me achava toda hora, já não me indicava tanto e eu me senti também retraído, passei muita vergonha né, passei praticamente uma humilhação, então foi se afastando, até que o fim das aulas, o último dia de aula

a gente mal conversava, eu só ... a única palavra que eu me dirigia pra ela era na chamada: presente professora.

Diferente do começo que eu era o primeiro a chegar, era o último a sair, pedia pra ela me indicar livro pra ler, perguntava, tinha dúvidas, coisas que a maioria dos alunos não perguntava, eu perguntava, me interessava pela aula, depois, mal cumprimentava ela."

Percebe-se que algumas falas do professor podem gerar sentimentos inadequados no aluno como, por exemplo, o medo, um sentimento que não deveria existir na escola.

Para Snyders:

"As palavras de um professor querido certamente têm peso e prestígio, mas nem tudo o que o professor querido diz tem o mesmo valor e proporciona a mesma alegria" (p.90)

O efeito da referida mediação foi tão forte no sujeito chegou a repetir o ano letivo na disciplina dessa professora. Em suas próprias palavras:

" Inclusive eu tomei bomba na sexta série, nesse mesmo colégio, com a mesma professora... "

Portanto, fica evidenciado a importância da consciência ética no trabalho pedagógico; o trabalho do professor envolve questões humanas nas suas diversas relações ,dentro e fora da instituição escola.

Neste sentido, os dados deste estudo demonstram e reacendem a importância da mediação do professor no processo de formação do aluno e na sua aprendizagem, no sentido amplo do termo.

Algumas palavras de incentivo podem servir como desencadeadoras de um processo positivo de mudanças. Existem, portanto, mecanismos implícitos que participam do campo da relação professor-aluno. Como pensa Larocca (1993):

"Evidencia-se a compreensão de que a relação professor-aluno pode favorecer a resolução de conflitos afetivos, ou, ao invés disso, mantê-los ou ampliá-los. Além do mais, quando o campo destas relações é favorável, promove-se a identificação com conteúdos de ensino e busca de conhecimento"(p.68).

Parece claro que uma relação boa entre os professores e seus alunos é fundamental para uma produção mais rica de conhecimentos. No relato do sujeito A, em Anexo, fica clara a importância da mediação no processo de amadurecimento psíquico e cognitivo do aluno. Neste caso, as palavras de incentivo do professor e as conversas informais depois das aulas tiveram um grande efeito na realização de algo até então inacreditável para o sujeito, que era a possibilidade de suas poesias serem publicadas em um livro de sua autoria. Além desse fato, houve também durante o tempo de contato com o professor citado, um crescimento pessoal que fez com que o aluno resgatasse sua auto-estima.

A questão da auto-estima também é um fator de grande relevância nesta pesquisa. O professor deve ter consciência de que suas palavras e atitudes podem gerar efeito na auto-imagem do aluno, com conseqüências positivas ou negativas para a vida deste.

Neste processo de amadurecimento e descoberta de si mesmo, é necessária a presença do outro, como pontua Wallon (1968). O professor, neste contexto, tem um papel fundamental na aquisição de conhecimento pelo aluno através de sua mediação.

Outro ponto abordado pelo sujeito C é a questão do professor assumir seu papel político e social em sala de aula. É importante ressaltar que o professor tem freqüentemente um poder de persuasão independente da idade das pessoas com quem trabalha. Neste relato, A faz menção à influência de ordem política que seu professor teve em sua trajetória de vida.

Nas palavras do próprio sujeito A:

" ... então ele despertou todo um espírito de patriotismo .

(...) Então , como eu me espelhava muito nele eu quis todo esse lado romântico anti-burguesia, eu tinha idéias de filantropia, de ajudar o asilo, etc.

(...) Ali a gente se reunia, falava de irmos ao asilo, vamos fazer um movimento, vamos criar uma sociedade !"

Nas palavras de Larocca (1996) :

" Portanto o professor tem um papel mediador entre o sujeito e as necessidades coletivas. Esse processo é construtivo e supõe que outras necessidades ou desejos, que não exclusivamente do sujeito, sejam considerados. Tal construção , que implica reciprocidade, descontração, cooperação, participação, é necessária para a formação política dos indivíduos e encontra no campo da relação professor-aluno um espaço modelar para o seu aprendizado e exercício. Assim, o professor contente ajuda a construir a condição de continência em seus alunos; sem esse ' elástico interno' não é possível chegar a condição de cidadão.(p.69)."

Em outros relatos, este mesmo sujeito faz referência ao incentivo recebido em escrever poesias e à capacidade desse professor em contagiar os alunos com suas aulas de literatura, a ponto de fazer com que os alunos se interessassem pela disciplina e um deles mais tarde pudesse ter a chance de publicar um livro de poesias .

Segundo Wallon (1995), é característico da emoção o poder de epidemia, ou seja, de contagiar e mobilizar o outro lhe transmitindo seu prazer ou desprazer.

" A emoção tem a necessidade de suscitar reações similares ou recíprocas em outrem e, inversamente, tem sobre o outro uma grande força de contágio. É difícil ficar indiferente às suas

manifestações, não se associar a elas através de arroubos de mesmo sentido, complementares ou mesmo antagônicos."(p.99)

Nas palavras de Tassoni (2000) :

" É evidente que quando o professor se identifica com a sua prática e tem consciência de sua influência, acaba contagiando seus alunos, fazendo com que eles sintam gosto em aprender(...) o professor contagia os alunos e , conseqüentemente, o ambiente da sala de aula, com suas emoções e sentimentos".(p.154)

Desse modo, é fundamental que o professor compreenda a importância da afetividade na sala de aula, visto que o homem é um ser único, deve não separar o aspecto cognitivo do afetivo. A emoção na sala de aula contagia e fundamenta a base cognitiva, assim que quando se gosta do professor, gosta-se também da disciplina ministrada por ele.

De acordo com Snyders (1993) :

" Todos sabemos que, para o aluno, o conhecimento é trazido pelo afetivo: ele aprende realmente bem o que cativa, numa atmosfera de aula que lhe parece segura, com um professor que sabe criar afinidades. Eis porque a escola ao mesmo tempo tem de conciliar o intelectual e o afetivo, e constitui um local privilegiado para operar essa conciliação. A alegria na escola só é possível na medida em que o intelectual e o afetivo conseguem não se opor"

Uma questão que aparece durante toda entrevista do sujeito A, é a confiança que o professor passou para o sujeito. A confiança pode servir como uma ponte entre as questões emocionais e as cognitivas, ou seja, a confiança pode ser a base do relacionamento entre professor e aluno. A partir do momento que o aluno se sente à vontade para ter uma relação de confiança e respeito com seu professor, ele se sente seguro para fazer perguntas, tirar dúvidas, argumentar, participar, etc.

Algumas falas do sujeito A revelam essa confiança no professor e como isso o ajudou a superar barreiras pessoais:

"Ah! Com certeza. Eu acho que além dele ser professor de literatura, ele foi uma espécie de psicólogo, porque como eu vi nele um cara, nossa, esse sou eu só que maduro! Então eu tinha liberdade de entregar poesias, então ele lia e eu acho que ele lembrava de algum aluno dele que era assim ...

(...) quando eu encontrei o mestre, o ' B', foi interessante porque eu considero como uma ponte; foi uma fase que ficou, uma fase que começou e essa nova fase foi uma fase mais autoconfiante, em mim mesmo, acho."

Com relação à construção da individualidade, Almeida (2001) , pondera:

" É no ambiente social , nas relações com os outros indivíduos e com o produto do seu trabalho historicamente acumulado na cultura, que o homem constrói sua própria individualidade. Afinal, o outro é um elemento necessário para a delimitação e a expansão de si mesmo como pessoa "(p.99)

Em um outro caso, citado aqui, pelo sujeito B demonstra a importância da mediação do professor no processo de aprendizagem. O professor pode interferir no interesse do aluno pela matéria, visto que o sujeito só começou a ter interesse em estudar história depois das mediações do professor , em sala de aula. O sujeito passou a gostar da disciplina, conseqüentemente, a ter um bom rendimento escolar nessa matéria. O sujeito B remete esse gostar da matéria à maneira de ministrar as aulas pelo professor. Nas palavras de Leite (2001) :

" Os aspectos afetivos que permeiam a relação professor-aluno não se restringem somente às virtudes e valores do professor com relação aos seus alunos. Eles manifestam-se também da maneira como o professor lida com o conteúdo e nas habilidades de ensino que desenvolve. "(p.22).

Nas palavras do próprio sujeito B :

" E realmente, o que eu sei de história do Brasil eu devo a ele (...) eu aprendia na aula dele, eu assistia as aulas dele com prazer.

(...) Eu não ligava muito para a história(...) mas depois que eu comecei a ter aula com ele, comecei a me interessar mais pela matéria, lia vários livros..."

É nítida a admiração do sujeito B pelo professor como profissional e também como pessoa, admiração que o levou a dar aulas referentes ao seu campo de trabalho, que é o Direito, e ter atitudes profissionais espelhados no Seu professor " inesquecível", de respeito e dedicação no trabalho educacional.

Muitas vezes, como já foi dito, o professor não tem consciência que pode, mesmo que involuntariamente , servir de exemplo para seus alunos e que sua postura ,dentro e fora da sala de aula, reflete na imagem que passa para seus educandos, imagem esta, que pode ser modelo para o aluno.

Como B mesmo relatou :

"(...) Eu espelho a ênfase dele, a vontade , a alegria de fazer as coisas que ele fazia, o dinamismo dele, eu quero ser uma pessoa lembrada como bom professor e como pessoa também como ele é hoje prá mim."

Neste caso, é relevante também a questão do professor ser visto pelo aluno como um modelo a ser seguido tanto no aspecto profissional ,como

também no aspecto pessoal, incluindo a postura social. Nas palavras do sujeito

B :

" Nunca pensei em me tornar como ele, mas sim prestar os mesmos serviços que ele, praticar coisas boas ! "

(...) desde aquela época eu já ajudava na Igreja, mas depois de ter contato com ele eu quis ir mais fundo, não só na Igreja mas também em outros lugares... Na vida normal... Ele era um espelho, ele refletia coisas positivas e acabava nos contaminando , ele refletia mesmo !

(...) Acho que a maior influência deixada, não só como professor, porque eu tive outros professores no sentido de ensinar e de aprender... Mas era... A vontade em ajudar as pessoas fora da aula, ele era gente que faz dentro e fora da sala de aula entendeu ? Um professor que me ensinou que não precisava ter muito para fazer, para ajudar pessoas, você notava que ele tinha essa vontade mesmo, necessidade talvez... De estar ajudando, de querer o melhor para as pessoas e isso eu trago pra minha vida, foi o que mais me marcou. É uma pessoa que eu admiro e que fez merecer a minha admiração, que me fez crer no sentido de irmandade. "

Como pensa Almeida (2001), a solidariedade, a ajuda mútua e a luta contra a discriminação podem ser aprendidos na escola por intermédio de ações solidárias e de reflexões sobre os próprios sentimentos e comportamentos.

Nesse sentido, a escola é um lugar de possibilidades e o professor, o mediador de uma série de possíveis e importantes mudanças.

Como já foi visto, o professor pode possibilitar que o aluno se interesse pela matéria e sintam-se estimulados em aprender. Através da mediação, este profissional pode colaborar para que o aluno goste ou não da disciplina ministrada

Neste sentido, a afetividade constitui-se como fator fundamental na relação do aluno com os conteúdos escolares sendo a natureza da mediação um dos fatores determinantes da qualidade dos vínculos que se estabelecem entre o sujeito e o objeto de conhecimento

Quando a relação professor-aluno não é favorável, isto pode refletir na falta de motivação deste pela disciplina ministrada, não se estabelecendo um vínculo de afinidade. Nesta pesquisa, o depoimento do sujeito D, trata da questão da influência da mediação do professor na aprendizagem, porém no aspecto negativo.

Pode-se notar a influência das mediações do professor nas seguintes falas do sujeito D:

" Nossa, com certeza, a matemática que eu já não gostava muito, passei a odiar depois do contato com este professor. Eu já era um aluno meio visado, gostava de uma conversa em sala de aula... e durante as aulas desse professor eu meio que piorava !

(...) Então quando a gente pega birra de um determinado professor, a gente acaba pegando birra da disciplina dele...Pelo menos eu acho isso e muita gente acha isso também.

(...)Eu ficava com muita raiva e acabava desistindo de tentar aprender

(...) E isso é ruim né, pois a gente perde a vontade de estudar aquela matéria, eu acho que quando a gente se identifica com o professor a matéria , eu acho que quando a gente não se identifica com o professor , a matéria se torna mais difícil e quando a gente gosta do professor, a gente tem vontade de estudar aquele assunto.

(...) o Z ficou no lugar dele; que desespero, teve até alunas que choraram porque além do professor P ser muito querido por todos nós, o pior professor iria entrar no lugar dele. Foi horrível, a gente tinha aulas com o Z de Física e Geometria, ah e teve uma época em que ele dava uma outra frente de matemática também ! Era horrível ."

De acordo com o pensamento de Vygotsky (1994), as experiências no âmbito social vão se interiorizando, tornando-se pessoais. É por meio das interações sociais que o sujeito vai apropriando-se dos objetos culturais, com a afetividade sempre presente nessas relações.

No caso do sujeito D, a mediação do professor de matemática citado era tão ruim, que além de ter causado efeitos negativos no aproveitamento e no rendimento deste aluno nesta disciplina, também causou danos na sua vida pessoal, como a perda da auto-estima e sentimento de incapacidade nos assuntos escolares e profissionais. Nota-se que para esse aluno, diz sentir os efeitos dessa mediação até os dias de hoje. Nas palavras do sujeito D:

" A influência que tive após esse momento foi que mesmo após aprovado fiquei com aquela nuvem na minha cabeça, será que eu vou conseguir me formar como advogado, que é um curso difícil, tendo plena consciência que não teria capacidade para o exercício da advocacia.

(...) Claro que hoje isso está superado.. Mas quando tenho que fazer algum trabalho para a faculdade que acho um pouco difícil, me vem à mente as palavras dele, de que não consigo, etc, mesmo eu tendo consciência que eu sempre dou conta do recado...

(...) muitas vezes , como já disse, quando estou em uma situação difícil as coisas que o professor "Z" me falou, vem sempre na minha cabeça. Isso até hoje hein !"

Para Tassoni, Leite :

" Pode-se afirmar que as relações de mediação feitas pelo professor, durante as atividades pedagógicas, devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro ; tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto de conhecimento, como também afetam a sua imagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em suas capacidades e decisões."(2002, p.17)

A conquista da autonomia intelectual vincula-se a construção de sentimentos de segurança, limites, auto-imagem, auto-estima, etc.

O desenvolvimento afetivo e cognitivo são indissociáveis e constituem uma única intenção- o desenvolvimento do indivíduo. Portanto, quanto melhores forem as condições de se cultivarem sentimentos como a valorização de cada um e o desejo de compreender o outro, mais consistentes e profundos serão os relacionamentos, promovendo uma aprendizagem significativa. Nas palavras de Mahoney :

" É a sensibilidade do professor, sua experiência, a sua vivência em cada encontro, a sua atenção genuína, o seu ouvir lúcido, a sua motivação para compreender o outro que serão os guias para decidir o como, o quando, o quanto é possível aproximar-se dessas condições. A função da emoção na ação educativa é a de abrir caminho para a aprendizagem significativa, isto é, aquela aprendizagem que vai ao encontro das necessidades, interesses e problemas reais das crianças e que resulta em novos significados transformadores da sua maneira de ser (...) possibilitando a descoberta de novas idéias "(apud Tassoni, 2000, p.153).

Como em qualquer outro local, a escola precisa ser um ambiente agradável para todos que nela convivem. Quanto melhor é a relação entre as pessoas envolvidas, melhor será o desempenho destas em vários aspectos, sejam eles de ordem profissional ou pessoal.

É preciso resgatar a dimensão afetiva do ato pedagógico, esvaziada nas últimas tendências pedagógicas, que não pode ser descartada em hipótese alguma na compreensão do homem concreto

Espera-se que este trabalho de pesquisa tenha contribuído de alguma forma, para a reflexão sobre a importância dos aspectos afetivos para o processo de construção do conhecimento. Espera-se que o professor repense sua prática e reflita com cautela sua mediação na sala de aula e também fora do contexto escolar, pensando nos possíveis efeitos que suas palavras, gestos, atitudes, etc, possam causar na vida de seus educandos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS :

- Almeida, A.R.S (1992) : A emoção na sala de aula - Campinas: Papirus.
- Abramovich, Fanny(org), (1997) : Meu professor inesquecível : ensinamentos e aprendizados contados por alguns dos nossos melhores escritores _ São Paulo : Editora Gente.
- Dantas, H (1992) : Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon, em La Taille, Y, Dantas, H, Oliveira, M.K. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão - São Paulo: Summus Editorial Ltda.
- Dayrell, Juarez (1999) : Múltiplos olhares sobre educação e cultura.
- Dantas, Pedro da Silva (1983) : Para conhecer Wallon: uma Psicologia Dialética - Brasiliense.
- Galvão, Isabel (1995) : Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil - Petrópolis, RJ : Vozes, (Educação e Conhecimento).
- Grotta, Ellen cristina Bapttistella (2000) : Processo de formação do leitor: relato e análise de quatro histórias de vida. Dissertação de Mestrado. FE / Unicamp.
- Larocca, Priscila (1996) : Conhecimento Psicológico e Séries Iniciais : Diretrizes para a formação de professores / Campinas. Dissertação de Mestrado (Unicamp)
- Leite, Sérgio Antônio da (org). (2001). Alfabetização e Letramento. Contribuições para as práticas pedagógicas. Campinas, SP: Komedi: Arte e escrita.
- Ludke, Menga (1986) : Pesquisa em educação: abordagens qualitativas - São Paulo, EPU
- Oliveira, Marta Kol de (1997) : Vygotsky : aprendizado e desenvolvimento : um processo sócio-histórico. São Paulo: Spcipone.
- Patto, Maria Helena Souza. Apropriação do fracasso escolar : histórias de submissão e rebeldia. São Paulo : T.A. Queiroz (1990).
- Pino (mimeo) : Afetividade e vida de relação. Campinas, Faculdade de educação. Universidade Estadual de Campinas.
- Snyders, George (1993) : Reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Tradução: Cátia Aida pereira da Silva.

Silva, Miriam Lourdes Ferreira dos Santos (2001): Análise das dimensões afetivas nas relações professor-aluno / Campinas. Tese de conclusão de curso (Unicamp)

Tassoni, ECM e Leite, SAS: A afetividade em sala de aula: As consequências e a mediação do professor.

Wallon, H (1968) : A evolução psicológica da criança. Lisboa. Edições 70.

Zanelli, José Carlos (1992) : Formação profissional e atividades de trabalho : análise das necessidades identificadas por psicólogas organizacionais. Tese de Doutorado, FE/ Unicamp.

ANEXO 1

Análise da entrevista com o sujeito A: mediação e efeito

Sujeito A

A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR E A CONSTITUIÇÃO DO ALUNO ENQUANTO POETA

Nesta categoria encontram-se os relatos das mediações do professor, que influenciaram de diversas formas o sujeito da pesquisa, tanto no aspecto escolar e profissional como também no seu crescimento como pessoa.

MEDIAÇÃO	EFEITO
C: Só que eu ainda tinha um certo bloqueio com o negócio de poesia e no 1º colegial o Buti estava dando uma introdução à literatura e ele entrou no aspecto "Romantismo", falava muito da poesia romântica e ele também era avesso ao parnasianismo, que é uma poesia mais centrada, matemática quase. E eu não consigo fazer poesia assim porque eu não tenho vocabulário, porque eu nunca fui muito de ler, então eu sempre queria fazer uma poesia mais romântica, mais liberada e ele (Buti) deu uma possibilidade, esse clique, pois ele trabalhava muito com isso.	C: Eu achei aquilo lindo! Nossa que coisa maravilhosa!
C: Eu me lembro uma vez que ele trouxe para sala um bongô, que é tipo um tamborzinho e começou a recitar uma poesia, que agora não vou me	C: Ele também influenciou bastante nisso, . Nessa fase eu tinha visto "Sociedade dos Poetas Mortos", então quando eu tive aula com ele no 1º

lembrar o autor, poesia ia automaticamente entrando no ritmo, ele ia batendo no bongô, a poesia ia entrando no ritmo do bongô!	colegial, nossa, até brincava de chamar ele de: "Captan, my captan", o nome que o personagem principal fazia no filme. Então, inclusive eu dava aula de catequese sonhando com aquilo, os alunos subiam na carteira, no caso para falar a oração né!
C: Foi muito legal, que quando o Buti viu o desenho falou: 'nossa que coisa legal, que coisa bem feita', encheu a bola, que eu estava achando que aquilo tava um lixo!	C: Então despertou todo um espírito de patriotismo
C: Ele incentivou, falou 'força vai, você vai conseguir.'	C: ... Eu lembro que o ano que eu tive aula com o Buti, foi o ano que eu mais produzi poesias, porque eu escrevia poesia a torto e a direito!
MEDIAÇÃO	EFEITO
C: E eu estava meio que esperando uma correção muito radical já, um tiro de vez naquela minha intenção de fazer poesia, que eu tinha muito receio com a poesia. E ele deu os parabéns prá mim! Falou que eu estava ótimo, que eu tinha que escrever, que eu tinha que escrever uma outra coisa prá ele...	C: Quando ele saiu (Buti) eu continuei escrevendo mas já não tive tanta coragem de escrever outro livro prá ela, eu já estava mais receoso, afinal eu não tinha o meu grande mestre, o meu grande incentivador tinha sumido!
C: Eu escrevi uma ou duas poesias e cheguei para esse professor dizendo: "é professor, tô mal"! Ele perguntou: "por que" e olhando para minha cara já falou: "hi, já sei, você está apaixonado!"	C: Eu comecei até escrever um pouquinho, uma ou duas poesias que não tinham muito sentido, eu lembro que uma se chamara: "O Tucano Colorido", que é a última poesia do meu livro e eu mostrei essa poesia ao professor meio sem graça né?!
C: Então, voltando, ele me deu uma injeção de auto-confinança muito legal, ele foi injetando confiança, 'não escreve'.	C: Com certeza, eu tenho influências dele na minha rotina.
C: ... Ele tinha um estilo... O estilo dele. Eu acho que quem seguia o que falava... Porque a aula dele não era quem seguia o que ele falava... Porque	

<p>a aula dele não era como se fosse um culto, uma religião, ele não falava o que era certo e o que era errado, ele jogava com poesias, isto que era interessante na aula dele. Na interpretação da poesia, ele dava a interpretação da poesia segundo a época, então ela falava de um jeito que eu me identificava até com a poesia. Então, por exemplo, um dia, eu me lembro que ele tirou o tênis e jogou fora da sala! Aquilo foi legal, pôxa o cara interpretou entende?! Ele não era um pastor.</p>	
<p>C: Olha, eu acho que ele era um líder, ele tinha o estilo dele, ele não chegava prá ninguém e dizia: 'olha você tem que ser um romântico, patriota, me siga; não, ele falava eu sou um romântico patriota porque o poeta tal declamou tal poesia...</p> <p>C: ... Ele colocava muito dele na aula, a aula era dele. Ele falava o que ele achava.</p> <p>C: Era amado e odiado porque quem estava acostumado com uma aula mais matemática, com uma aula mais sintética, do tipo obra a apostila na página tal, vamos fazer o exercício cinco: o que é romantismo? Romantismo é um movimento literário que prezava ou não métrica...</p> <p>C: Tem uma aula que eu copio muito, que uma outra professora copiou dele também, que fala sobre os sentidos, para despertar os sentidos que lembro que ele levou suco, incenso, mandou copiar, pediu pra todo mundo levar meia, tênis e colocar os pés no chão, para tocar sentir, etc. Eu copieei isso também! Fiz numa aula de religião!</p>	

A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR E A CONSTITUIÇÃO DA AUTO-ESTIMA DO ALUNO:

Os relatos apresentados nesta categoria dizem respeito a valorização das mediações do professor na parte emocional do aluno, ou seja, na preocupação com o desenvolvimento do aluno no sentido global, começando por valorizar a auto-imagem deste.

MEDIAÇÃO	EFEITO
<p>C: ... Injetou uma certa auto confiança 'não, vai escreve poesia prá ela' não sei o que?!</p>	<p>C: ... E eu pensei, nossa que incrível, vou continuar escrevendo e tentei escrever mais algumas poesias, meio que de cunho assim... Que falava sobre o Brasil e eu queria escrever sobre uns temas muito diferentes tipo falar sobre a rosa e ele dava toda essa margem de campo.</p>
<p>C: A gente escrevia essas coisas e levava para o Buti, eu lembro que só tinham duas aulas, só um dia, porque ele vinha de São Paulo. A gente levava para o professor, muito discretamente na hora do intervalo e falava 'olha o que nós fazemos na sociedade dos poetas mortos'!...</p>	<p>C: Ah! Com certeza. Eu acho que além dele ser professor de literatura, ele foi uma espécie de Psicólogo, porque como eu vi nele um cara, nossa, esse sou eu só que maduro! Então eu tinha liberdade de entregar poesias, então ele lia e eu acho que ele lembrava de algum aluno dele que assim...</p>
<p>C: Eu tinha coisas, que eu comentava com ele e falava: 'olha professor, fiz uma poesia muito estranha'. Ele falava: 'porque?' Eu falava: 'é que fiz uma poesia só para um parte do corpo de uma menina'. E ele falava: 'nossa, que legal!'</p> <p>Eu lembro que eu tinha muito receito de falar isso, sobre isso, meus amigos até sabiam, mas eu não comentava... Negócio de fetichismo... E ele falava na maior naturalidade comigo sobre isso, 'ah então você gosta de pés femininos, eu estou vendo aqui, tem dois, três parágrafos, todas as poesias que você fez prá ela tem isso!'</p> <p>Eu lembro que fiquei vermelho e ele disse: ah, isso e normal, lembro que ele até deu uma incentivada, 'ah é bonitinho mesmo!' Eu falei, 'nossa, não sou tão estranho assim!' Ele falou: 'ah, eu tenho</p>	<p>C: E eu lembro que eu continuei a fazer poesias e bastante, fiz poesias para outras meninas, etc.</p>

<p>um amigo que gosta de pés femininos também, você não é louco, você não é tarado!</p>	
<p>C: ... E foi quando o Buti chegou prá mim e disse: 'por que você não escreve um livreto?'. E eu: 'como assim professor, um livreto'? Ele falou: 'é, você tem umas quinze poesias para essa menina, por que você não escreve e entrega prá ela'</p> <p>Eu me lembro que eu disse: 'ah professor, ela mal sabe que eu existo! Chegar lá com um livrinho e entregar prá ela, ela vai achar que eu sou louco!' E ele falou: 'não, não, tenta, vai, o que você tem a perder?' Eu falei: 'Ah, professor, não sei né, vai que ela ache estranho...'</p> <p>Ele me perguntou se eu não acreditava na minha poesia. Eu lembro que ele falava para eu continuar escrevendo e para eu nunca ter vergonha de mim mesmo. Falava isso muito em aula, dando exemplos, não diretamente prá mim, mas para os alunos todos, de outros poetas...</p>	<p>C: ... E eu fiquei todo... Todo... Oh! Eu não sou totalmente pirado!</p>
<p>C: O Buti dava muito este incentivo, o que foi legal nesta fase da minha vida; acho que foi até uma ponte, pois eu vinha vindo de uma fase muito depressiva, com auto confiança muito baixa e muitos aspectos que eu julgava ser muito negativo meu, até mesmo poesia, tudo, ele deu uma injeção... Me mostrou ter um outro lado, é... Um lado bom do meu lado ruim, que eu achava ruim e me deu a vontade de escrever mais.</p>	<p>C: Aí eu entreguei até com um buquê de flores.</p>
<p>C: É, e falava isso é normal, você é normal!</p>	<p>C: ... Dessa fase de transição da 8ª série para o 1º colegial, quando eu encontrei o mestre, o Buti, foi interessante porque eu considero como uma ponte; foi uma fase que ficou, foi uma fase que começou e essa nova fase foi uma fase mais autoconfiante, em mim mesmo, acho.</p>
<p>C: Ele trabalhava muito bem isso, não</p>	<p>C: ... Eu lembro que um dia eu tive a</p>

<p>foi só comigo não, foi com outros colegas também, eu me lembro que tinha até filinha para falar com ele! A gente tinha uma certa liberdade de falar com ele, ele dava essa margem e usava exemplos ótimos e falava muito bem, então a gente se sentia meio herói sabe?!</p>	<p>chance de publicar um livro, eu achei muito legal, até procurei o Buti, eu lembro que procurei muito ele pois eu queria chamar ele para vim no lançamento do meu livro, para ele ver o que eu consegui, para ele ver o que ele plantou em Ouro Fino germinou!</p>
<p>C: Me identificava com grandes, oh dó!</p>	<p>C: Eu agradei muito o Anglo, que tive um professor que foi simplesmente o criador da poesia em mim e eu achei isso legal! O livro saiu. Depois que eu lancei o livro deu uma auto-estima maior...</p>
<p>C: Me lembro que uma das frases dele que me marcou bastante foi: 'faço questão de ir ao lançamento de um livro seu!' Daí eu falei: 'que isso professor, imagina, eu escrever um livro?' Nunca!'. E ele disse: 'nunca diga nunca! Um poeta tem que viajar nos sonhos!' Ele falava muito essa viagem de, poeta morto, sabe, de romântico. E contava muitas histórias, dentro do ônibus, saindo do campo de futebol... Incentivava muito, acho que por ele ser jovem, ele incentivava muito a gente.</p>	<p>C: Eu tô com um publicado. Para essa grande paixão, para este grande amor, ela tem dois livretos né, duas coletâneas de poesias e as outras poesia que eu fiz estão guardadas, inclusive a editora que eu lancei o primeiro livro que foi a Comedi já me convidou para lançar outro livro, eu tive o convite, mas daí junta a faculdade, o tempo e eu não quero lançar um livro de poesias, jogar as poesias no papel e lançar eu quero uma coisa mais trabalhada.</p>
	<p>P: Você pretende lançar um outro livro? Você pretende continuar escrevendo? Você continua escrevendo?</p> <p>C: Quero! Continuo, continuo escrevendo, às vezes na sala de aula, começar um livro é uma glória.</p>
<p>MEDIAÇÃO</p>	<p>EFEITO</p>
	<p>C: Nossa eu ia comentar tanta coisa com ele, as coisas que eu acho que ele gostaria de saber, coisas que a gente conversava. Ia ser muito legal! Queria contar que eu tirei o tênis também dando aula de catequese para imitar ele! Porque quando eu dei aula de catequese eu queria ser o Buti né?</p>

A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR E A CONSTITUIÇÃO DA POSTURA POLÍTICA E SOCIAL DO ALUNO:

Nesta categoria estão incluídos os relatos do entrevistado que falam sobre a influência do professor na postura política e social do aluno, ou seja, na interferência deste professor na formação ética, cultural e também na personalidade do indivíduo entrevistado.

MEDIAÇÃO	EFEITO
<p>C: Ah! Com certeza, principalmente porque... Acho que uma coisa que me marcou muito, hoje, principalmente porque além desse lado de poesia ele trabalhava muito o aspecto do patriotismo, ele trabalhava muito o aspecto de: você tem que ser um certo cara bom, entende? Um cara mais certinho, mas exemplo!</p> <p>E nesta época de quinze anos você escolhe, ou você sai bebendo por aí, tirando racha; fica no meio termo, ou você fica um cara que preza outros valores. Ele fala muito desses valores: de patriotismo, de fidelidade, ele contou a história dos três mosqueteiros e falava com poesias disso, trabalhava muito esse ponto na sala de aula...</p>	<p>P: Essas obras filantrópicas, tem algumas ligação com isso tudo né?</p> <p>C: Nossa, tem, tem muita ligação, tanto é que algumas idéias que eu tive naquela época... É inclusive poesias que eu escrevi, naquela época foram lidas em sessões públicas na maçonaria, quero dizer, na Ordem Demolay em homenagem aos pais que eu fiz naquela época de 15 anos, com influência geral dele (Buti) eu li em sessão pública! Então teve muita influência tanto com entidades filantrópicas porque como ele despertou um espírito romântico, lutadora ante classes, um espírito romântico anos 70... Então eu sentava com uns amigos meus, os poetas mortos! A gente chamava de "Bolacha", lembra?</p>
<p>C: Eu acredito que provavelmente seja mais isso, eu já era... Eu tinha tudo para ser um cara certinho, mas você estava naquela fase que como os caras do "mau" se dão sempre bem, os caras do mau que bebem, que fumam ficam com a menina que você está apaixonado então você fala: pôxa, vou ser igual a eles! O meu estilo não dá certo. Foi quando o Buti falou espera aí, o seu é certo, é um estilo bom, toca em frente. Ele não falava isso diretamente, claro, mas, numa aula assim, como exemplo,</p>	<p>C: Eu lembro que eu sentei com um amigo meu para bolar um plano para fazer uma campanha de alimentação de doação de cestas básicas, etc. Essas idéias começaram a surgir nesta idade de 15/16 anos, que eu conheci outros amigos e passava prá eles essas idéias do Buti e essas idéias, inclusive que eu tive, essa influência que eu tive ficarão guardadas e hoje eu uso muito elas quando eu dou idéia de fazer obras assistenciais ao educandário. Ela (idéia) tem toda uma origem... Uma origem.</p>

<p>numa poesia... Eu lembro de uma poesia que ele fez que ele falava do lixo da burguesia e eu estava me sentindo nos anos 70 lutando contra o regime militar.</p>	
<p>C: Eu me lembro que numa prova ele pediu para escrevermos o hino nacional e eu não consegui, aquilo prá mim foi um tiro. Onde já se viu, eu que luto contra a burguesia, estou do lado dos fracos e oprimidos, escrevia poesias xingando a elite da minha cidade e de repente eu nem sei o hino nacional. Quando ele entregou a nota, aquilo foi um tiro, ele olhou pra mim e falou: 'você não sabe o hino nacional.' Nossa, nossa...</p>	<p>C: ... Foi muito interessando porque eu acho que eu já tinha um estilo prá ser meio que romântico dos anos 70 e ele deu essa guinada porque ele era muito assim</p>
	<p>C: Então, como eu me espelhava muito nele eu quis todo esse lado romântico, anti-burguesia, eu tinha idéias de filantropia, de ajudar o asilo, etc.</p>
	<p>P: Então você acha que teve uma influência dele na sua entrada na ordem, também nisso?</p> <p>C: Ah! Ele influenciou uma fase da minha vida que me transformou muito no que eu sou hoje. Se eu não fosse o que eu sou hoje eu não estaria na ordem demolay, que é uma ordem muito restrita, ela é de um tipo de pessoa que quer fazer um tipo de trabalho.</p>
	<p>P: A Sociedade dos Poetas Mortos! Vocês iam para a caverna...</p> <p>C: É! Só que não era uma caverna, era uma escadinha no morro! Ali a gente se reunia, falava de irmos asilo, vamos fazer um movimento, vamos criar uma sociedade.</p>
<p>MEDIAÇÃO</p>	<p>EFEITO</p>
	<p>C: É, é verdade sim, eu tive uma fase</p>

muito difícil, 6^a, 7^a, 8^a série, que eu fui para uma escola diferente e eu sempre me julguei muito... Assim, que eu conseguia fazer amigos fácil e eu fui uma negação, me sentia odiado, então eu fui para o Anglo sem nenhum amigo muito próximo, tive experiências horríveis com amizade. Eu tinha até desacreditado em amizades e ele incentivou muito isso, então quando eu vi que tinham outros que gostavam de tocar violão, fazer poesias eu falei: nossa! Que bom! Eu me aproximei deles!

Foi aí que com essas idéias juntou0se algumas pessoas que não estavam no Anglo, que não conheciam ele, mas que tinham esse mesmo espírito meio romântico também, então juntou ali né e aquilo formou um caldeirão...

ANEXO 2

Análise da entrevista com o sujeito B: mediação e efeito

Sujeito B

A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR NA CONSTITUIÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE O SUJEITO E A HISTÓRIA:

Nesta categoria são encontrados relatos do sujeito que dizem respeito à maneira como o professor ministrava suas aulas e as conseqüências de sua mediação no interesse do aluno pela disciplina ministrada por tal professor. Esta categoria trata da questão da importância da mediação do professor, ou seja, na maneira que ele ministrará suas aulas, na motivação do aluno para aprender, e no seu interesse pela disciplina.

MEDIÇÃO	EFEITO
G: O professor Jurandir ficou marcado mais como pessoa do que como professor, mas você acaba associando ao professor sempre, você está com ele duas vezes por semana, então você acaba convivendo com o professor e com a pessoa dele né; ele não deixou nada a desejar como professor, tinha uma vontade muito grande de dar aula, ele estava sempre animado, era disposto mesmo a ensinar, era professor de escola pública onde não se via muito isso, mas ele tinha uma vontade muito grande de partilhar tudo aquilo que ele sabe, nunca chegou na sala sem ter preparado a aula, não enrolava a aula como os outros professores da época, ele exigia que a matéria fosse dada e sempre foi um exemplo. De professor a ser seguido;	G: E realmente, o que eu sei de história do Brasil eu devo a ele, nunca fui um excelente aluno, mas assim... Ele me chamou atenção para a história, entendeu? Eu aprendia na aula dele, eu assistia as aulas dele com prazer.
G: ... Não deixava de ir à escola, ele realmente levava a sério o ensino, o ser professor.	G: Eu não ligava muito para história, era assim, normal. Mas depois que comecei a ter aula com ele, comecei a me interessar mais pela matéria, lia vários livros...
G: Como professor também é interessante falar que ele não era qualquer professor de História, que chega lá lê um livro pra você, fala um tema e fala aconteceu isso e pronto... Era um professor participativo também, sempre nas aulas de história ele pegava um fator da atualidade, sempre tentava fazer comparações para você guardar melhor, não ligava em fixar datas, fazia comparações do período histórico que ele estava explicando com	G: Quando você faz uma coisa satisfeito, você faz melhor e isso eu aprendi com ele.

<p>o momento que a gente estava vivendo... Ele pegava exemplos de pessoas na sala para ensinar a matéria, ele tentava colocar nomes nas pessoas da sala. É muito importante essa ligação, eu me lembro como ele era animado... E fazia coisas para a gente guardar os fatos históricos, brincadeiras na sala que faziam com que a gente se lembrasse depois da matéria, isso fazia com que a gente guardasse melhor a matéria dele.</p>	
<p>G: ... Ele, inclusive me indicava vários livros, eu me dediquei mesmo... E me dediquei por ele, eu fazia aquilo para ele, eu gostava bastante dele assim, então eu ia conversar com ele antes e depois da aula;</p>	<p>G: Eu pretendo ser um professor assim, sempre perto dos meus alunos, saber o que se passa com eles. Eu trabalho com pessoas e pretendo continuar trabalhando com pessoas, porque eu quero ser professor e tratar meus alunos como pessoas e não como números.</p>
<p>G: Eu ia bem na matéria dele. Ele exigia bastante em questão de estudo mesmo, o que eu achava certo porque todo professor tem que cobrar mesmo, claro que dentro do limite e ele podia cobrar porque ele dava subsídios pra isso entende? Então ele cobrava bastante mas também te incentivava, ele cobrava porque ele fazia, ele podia cobrar porque o pessoal da sala tinha condições de fazer o que ele cobrava devido a boa aula que ele dava.</p>	
<p>G: Ele usava muito o relacionamento nosso mesmo de sala de aula para dar a matéria, ele encaixava as coisas, era impressionante! Ele estava sempre por dentro do que estava na sala, com relação aos outros professores, entre nós mesmos, enfim, ele estava sempre presente.</p>	
<p>G: Ele sabia exatamente como lidar com cada aluno, ele sabia trabalhar a individualidade. Ele ajudava bastante. Se alguém não gostasse de história ele perguntava o motivo, falava para tentar mudar esse pensamento, no que ele poderia estar ajudando para essa pessoa gostar de história, ele sempre estava disposto, entendeu ? Ele queria cumprir o dever dele, vamos dizer assim, se ele foi contratado para ensinar</p>	

<p>história , ele iria fazer com que os alunos entendessem história. Ele estudava muito, ele não chegava despreparado para a aula, mesmo quando fugia da matéria ele sabia responder, tinha um interesse em procurar saber cada vez mais. Ele não deixava nada pendente, ele trazia as respostas das perguntas que surgiam, quando ele tinha que pesquisar , no dia seguinte.</p>	
<p>MEDIAÇÃO</p>	<p>EFEITO</p>
<p>G: Muitas vezes a gente via que ele chegava cansado, entendeu? Ele devia estar exausto com as circunstâncias que ele estava passando na vida dele... Mas quando ele começava a aula ele deixava os problemas para fora da sala de aula, ele entrava com um ânimo melhor, sempre sorridente, puxava a orelha da gente de vez em quando, chamava atenção mesmo quando necessário, na medida certa, sem fazer com que os alunos tivessem receio de questionar, de conversar e isso é muito importante pra gente.</p>	
<p>G: Ele era um professor que te prendia, não tinha um relacionamento intenso com os alunos, ele não tinha um relacionamento extra sala, mas dentro da sala, tudo que acontecia ele sabia e tomava partido, quando alguém tinha um problema em casa e isso interferisse na escola ele procurava saber e interferia para tentar ajudar ...</p>	
<p>G: Ele sempre tratou muito bem os alunos, ele realmente tinha um carisma, ele prendia a atenção mesmo, existia um certo magnetismo, tinha um relacionamento bom com os alunos, estava sempre sorrindo, ele sempre estava presente...</p>	
<p>G: Ele perguntava muito pra gente, sobre a parte de esportes, se tinha alguma perspectiva fora da área de</p>	

estudo também, "o que você quer fazer", "você gostar de jogar futebol", "você treina em algum lugar", etc. Ele queria saber da sua vida mesmo, entendeu? Ele fazia questão de saber, ele ficava ciente quando alguém estava alegre, quando a gente estava triste, ele perguntava, chamava pra conversar, entendeu? Falava: "você está bem hoje?", "aconteceu alguma coisa?" "Quer conversar comigo depois da aula?"

O MODO DE SER DO PROFESSOR COMO UMA REFERÊNCIA PARA O ALUNO:

Nesta categoria encontram-se relatos do sujeito entrevistado que dizem respeito à conduta do professor tanto na sua vida profissional como pessoal e como esse modo de viver o levou a ser visto pelo aluno como um modelo a ser seguido, como uma referência.

MEDIAÇÃO	EFEITO
<p>G: ...Tive um relacionamento maior com ele do que com outros professores, embora eu tenha tido muitos professores que foram meus amigos que são meus amigos, ele era diferente, nele eu via alguma coisa diferente, com meus amigos eu conversava, conversa de amigos mesmo e com ele eu conversava não só conversa de amigo, mas conversa de vida também, conversava sobre os projetos que ele tinha na época ...Como ele estudou, de onde ele veio ...</p>	<p>G: Eu sempre gostei de ajudar, tudo que estava ao meu alcance e eu pudesse fazer para ajudar eu fazia, converso muito, gosto de conversar, acho que esta é uma forma de ajuda. Desde aquela época eu já ajudava na Igreja, mas depois de ter contato com ele eu quis ir mais a fundo, não só na Igreja mas também em outros lugares... Na vida normal... Ele era um espelho, ele refletia coisas positivas e acabava nos contaminando, ele refletia mesmo!</p>
<p>G: Ele dava incentivo pra gente e eu via que ele fazia isso com gosto, não só pela parte de escola mesmo, que tinha que passar aquele "bê-á-bá", de aprendizado, mas também de vida.</p>	<p>G: Acho que a maior influência deixada, não só como professor, porque eu tive outros professores no sentido de ensinar e de aprender... Mas era ...A vontade em ajudar as pessoas fora da aula, ele era gente que faz dentro e fora da sala de aula, entendeu ? Um professor que me ensinou que não precisa ter muito para fazer, para ajudar pessoas, você notava que ele tinha essa vontade mesmo, necessidade talvez... De estar ajudando, de querer o melhor para as pessoas e</p>

	<p>isso eu trago pra minha vida, foi o que mais me marcou. É uma pessoa que eu admiro e que fez por merecer a minha admiração, que me fez crer no sentido de irmandade.</p>
<p>G: O incentivo dele seria por exemplo próprio... Ele nunca se gabou de ter feito as coisas, ele não fazia, ou pelo menos parecia que não fazia para se mostrar, ele fazia não por ele mesmo, mas pelas pessoas que ele estava ajudando, entendeu? E se você pensar bem, quando você tem aula em escola pública, você tem que ter um incentivo assim, você tem que fazer aquilo por seus alunos... Pela vontade de vê-los crescer, de passar numa boa faculdade e ele já apontava muito isso pra gente.</p>	<p>G: Acho que quem soube aproveitar esse momento de contato com ele, ganhou muito com isso na vida. Ele teve uma grande importância na minha vida tanto é que estou Citando ele aqui.</p>
<p>MEDIAÇÃO</p>	<p>EFEITO</p>
	<p>G: Eu espelho a ênfase dele, a vontade, a alegria de fazer as coisas que ele fazia, o dinamismo dele, eu quero ser uma pessoa lembrada como bom professor e como pessoa Também como ele é hoje pra mim.</p>
	<p>G: Nunca pensei em me tornar como ele, mas sim prestar os mesmos serviços que ele, praticar coisas boas!</p>
	<p>G: Esse era o ponto principal, e você sente quando o professor está presente e você quer fazer isso também.</p>

ANEXO 3

Análise da entrevista com o sujeito C: mediação e efeito

Sujeito C

A VISÃO ATUAL DO ALUNO SOBRE AS MARCAS DEIXADAS PELA MEDIAÇÃO DA PROFESSORA:

Nesta categoria estão apresentados os relatos sobre a opinião atual do sujeito com relação à mediação da professora; como depois do fato narrado enxerga a influência que as pessoas exercem sobre as outras;

MEDIAÇÃO	EFEITO
	P: Você se sentiu mal e decepcionado? Você achou que você estava decepcionando ou achou que ela decepcionou você? Qual foi seu sentimento nesta hora?
	D: Não, eu senti assim, que eu me esforcei, eu errei, mas eu me esforcei, eu acho que como uma professora que eu achava... O que eu esperava dela é que ela fosse contornar a situação numa boa, é isso que eu esperava dela, mas não, ela fez isso, praticamente me humilhou né? Foi por isso que a partir disso eu criei essa mania de matar aula, porque eu não botava mais fé em professor nenhum.
	D: Eu nunca tinha parado para pensar nisso, mas quando eu lembro disso, eu vejo como bagagem, não é uma coisa boa lógico, mas foi uma coisa que me marcou muito e hoje eu tento aproveitar isso da melhor maneira, que às vezes quando você deposita muita fé numa pessoa, essa pessoa está sujeita à falhas, então eu me coloquei no lugar dessa pessoa, então se aquela pessoa que você depositou fé falhou, a culpa não é da pessoa é você que depositou fé demais. Então eu aprendi mais, vendo o lado dela do que o meu, porque eu era uma criança inocente, eu tinha que aprender as coisas e fui humilhado, agora o que eu aprendi foi com a atitude dela, o que

	<p>não se deve fazer.</p>
	<p>P: Isso você acha que te marcou assim, prá vida ou só na questão escolar?</p> <p>D: Para a vida, como eu falei né, pela postura que ela teve, uma postura que você não pode ter em situações como esta. Até como... Vou citar um autor aqui: Willian Blak, só que ficou famoso Paulo Coelho: que você pode matar o sonho de uma pessoa com uma palavra ou pode criar um sonho apenas com um sorriso. Então, às vezes a gente não percebe como a gente é importante, como a gente influencia a vida das outras pessoas. Isso é muito importante e eu aprendi isto com ela, então por isso que eu não vejo como uma coisa negativa; foi uma coisa que me machucou, mas eu tirei muito, talvez se não fosse desse modo, eu não levaria tão a sério isto. Eu vejo que hoje em dia se influencia muito a vida de quem quer que seja, um sorriso que você dá na rua para uma pessoa que passa do teu lado te influencia.</p>
	<p>P: Mas você acha que você não poderia.. Tem aquela questão né? De crescer pela dor ou pelo amor, né, você acha que você não cresceria, é... Não teria esta consciência que você tem hoje se você não tivesse passado por isso? Será que você precisava passar por isto para chegar a ter essa consciência? Será que a sua vivência, o seu jeito não...</p> <p>D: Não, não, não precisaria ter passado por isto. Isto me fez aprender esta lição mais cedo, mas não teria que passar por isso não, só que eu levo esta questão muito a sério hoje, não só por causa disso, mas com a convivência mesmo, você vai vendo que você é muito importante na vida das pessoas</p>

	<p>D: Se eu tivesse sido um aluno normal, não teria sido um trauma grande para mim, mas por eu ter sido <u>o</u> aluno preferido, foi muita humilhação, porque lá na frente, o aluno escolhido para falar para a classe na 5ª série, na frente de 40,50 alunos, então lógico que fica ruim, o trauma é muito superior às coisas boas.</p> <p>P: Independente desse fato ou não? Mas talvez por isto este fato tenha te marcado tanto? Porque você....</p>
--	---

INTERFERÊNCIA DE UMA SITUAÇÃO DE MEDIAÇÃO DO PROFESSOR
NO COMPORTAMENTO DO ALUNO :

Nesta categoria serão apresentados as falas do sujeito que dizem respeito a uma determinada atitude da professora que o levou a ter uma série de mudanças no seu comportamento habitual e as conseqüências que estas mudanças lhe trouxeram.

MEDIAÇÃO	EFEITO
<p>D:... E como eu me destacava muito na classe, ela começou a me colocar num ponto muito privilegiado que a maioria dos alunos, até que um dia ela me pediu um trabalho pra mim fazer, para apresentar para a classe e falava sobre a conquista da lua sobre os astronautas que chegaram até a lua.</p>	<p>D: A partir daquele dia fiquei muito magoado e todas às vezes que eu tinha que entregar um trabalho no prazo eu não tinha feito, não pensava duas vezes e matava aula, inclusive, até os dias de hoje, quando eu tenho uma coisa para entregar na escola e eu não ainda estou dentro do prazo eu mato aula.</p>

	fazer.
	D: Sem dúvida. Porque quando um aluno, pelo menos na minha situação, quando me senti humilhado a primeira vez eu não tive mais coragem de voltar a dar a cara a tapa, não tive mais coragem de tentar enfrentar e tentar me destacar de novo. Eu só tive a coragem de me mostrar de novo depois que eu estava em um ambiente totalmente diferente, com pessoas diferentes, com outros professores. Enquanto eu tivesse naquele ambiente, naquela escola, com aquela professora eu não fazia mais questão de aparecer.
	D: Eu tentei ser o mais apagado possível, eu não sentava nem no fundo nem lá na frente, fiquei quieto, na minha.
	D: ... Ah! Inclusive eu tomei bomba na 6ª série, nesse mesmo colégio, com a mesma professora...
	D: ...Então, tudo que eu poderia ter vivido no Polivalente eu não vivi por causa dessa professora eu só fui viver na outra escola, por causa dela.
	P: Independente desse fato ou não? Mas talvez por isto este fato tenha te marcado tanto? Porque você... D: Exatamente, eu acho que esse fato me marcou tanto porque foi uma coisa que eu sempre almejei, a oratória. Talvez se eu não almejasse não teria marcado tanto.
	P: Seria um sonho que na hora D: Um sonho que estava brotando e já começou a ser abortado! Então por isso que me machucou muito. Eu tinha a vontade de ter o dom da oratória e tal, e daí quando eu estava começando a descobrir isso leva uma

	dessa!
--	--------

O MEDO DE SE EXPOR COMO CONSEQUÊNCIA DA MEDIAÇÃO DO PROFESSOR:

Esta categoria reúne as falas do entrevistado, sobre o medo de se expor publicamente, a partir do fato narrado por ele.

MEDIAÇÃO	EFEITO
	D: Não. Mas eu nunca mais... Ah! Uma coisa interessante. Nesse período, nunca mais em aventurei em usar a oratória. Inclusive quando eu vinha a Ouro Fino, me pediram para eu ler na Mina, nossa, nunca que eu fazia isso! Eu só comecei a ter essa coragem depois que eu mudei de escola, depois que eu voltei a ser motivado. Me influenciou sim, na minha vida, não no cotidiano, mas toda vez que entrava em desafio a oratória de novo, eu corria!
	P: Só a oratória ou qualquer desafio? D: Não, tudo que tinha a ver com público, saber lidar, falar com várias pessoas, na frente de várias pessoas, eu me acanhava. Por causa desse fato.
	P: Mas individual não? Com amigos ano? Não teve nunca medo de se expressar para alguém? D: Ah! (risos). Nos casos de amor sim, nossa!
	P: É, então! Nos casos de amor sim! Mas por causa disso? D: Aí eu já não parei para pensar, pode ser que tenha influenciado, não totalmente, mas acho que influenciou sim, acho que teve uma certa influência sim. P: Viraram monstros, todos?! A escola

	<p>ficou ruim?</p> <p>D: É, ficou um clima chato, eu comecei a ficar com vergonha de me expor, é aquilo que eu falava, eu não sentava nem na frente, nem no fundão, só no meio, quieto, médio, medíocre...</p>
--	--

ANEXO 4

Análise da entrevista com o sujeito D: mediação e efeito

Sujeito D

A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR NA CONSTITUIÇÃO DA VALORIZAÇÃO DO ALUNO EM SI MESMO.

Nesta categoria são encontrados relatos que dizem respeito à influência da mediação do professor na formação do aluno, ou seja, na sua auto-estima, na sua segurança, no seu bom-senso, etc. Esta categoria se baseia no aspecto afetivo da relação professor-aluno, nos efeitos, neste caso, negativos, desta relação para a vida do entrevistado, e do sentimento de aversão ao professor citado.

MEDIAÇÃO	EFEITO
I: Sim, eu tive um professor que me marcou de uma maneira inesquecível, só que infelizmente de um modo negativo. Eu estava esperando os resultados dos vestibulares, cansado estressado... E resolvi fazer uma pergunta de uma matéria dele –matemática – e ele disse que não me explicaria porque certamente eu não iria entender a matéria... uai, um estudante nos dias de vestibular escutar um comentário deste tipo é muito desencorajador.	I: A influência que tive após esse momento foi que mesmo depois de aprovado fiquei com aquela nuvem na minha cabeça, será que eu vou conseguir me formar como advogado, que é um curso difícil, tendo plena consciência que não teria capacidade para o exercício da advocacia. I: Meu relacionamento com ele era relativamente normal, apesar de alguns atritos entre eu e ele como professor e aluno, mas esse dia eu cheguei na minha casa extremamente abalado, minha mãe percebeu e perguntou o que estava acontecendo e eu tive que explicar pra ela o ocorrido. Olha, foi bem desgastante aquilo pra mim, principalmente na época em que aconteceu, né?
I: ... Enfim, numa época dessa, que o aluno precisa ainda mais de incentivo, vem um cara estúpido e fala: "você não vai passar, você não ser nada na vida", é duro de agüentar né?	I: Claro que hoje isso está superado... Mas quando tenho que fazer algum trabalho para faculdade que acho um pouco difícil, me vem à mente as palavras dele, de que eu não consigo, etc, mesmo eu tendo consciência que eu sempre dou conta do recado...
	I: ... Muitas vezes, como já disse, quando estou em uma situação difícil as coisas que o Dalton me falou vem sempre primeiro na minha cabeça. Isso até hoje hein!
	I: É interessante até, como que as palavras ruins ficam na memória, principalmente quando você está

	<p>inseguro; eu já achava que eu não ia passar, depois que ele me falou isso eu até parei de estudar, não conseguia, pensava: "Por que vou estudar tanto assim, eu não vou passar mesmo! Mas felizmente deu certo e eu passei."</p>
MEDIAÇÃO	EFEITO
<p>I: Ele falava de uma maneira sarcástica, as vezes muito bravo, perguntava para a sala como que eles me agüentavam...</p>	<p>I: ... Eu como sempre fui mais desinibido perguntava mesmo, mas todas as vezes que ele não me atendia, fingia que não ouvia ou tirava sarro da minha cara eu ficava com muita raiva e acabava desistindo de tentar aprender.</p>
<p>I: É... Eu sempre percebi que esse professor tinha uma certa indiferença para comigo e isso aí já estava me irritando, não gostava das aulas dele, não queria ir na escola quando tinha aula dele, agora... Depois de acontecer esse fato mais sério talvez, aí foi o rompimento total, passaram-se quase quatro anos e eu não consigo conversar com tal professor...</p>	<p>I: E isso é ruim né, pois a gente perde a vontade de estudar para aquela matéria, eu acho que quando a gente não se identifica com o professor a matéria se torna mais difícil e quando a gente gosta do professor, a gente tem vontade de estudar aquele assunto, por isso que eu acho que os professores devem incentivar os alunos além de saber o que vai explicar, porque como no caso do Dalton, ele sabia a matéria, mas além de ter má vontade de explicar, ele era intragável, não tinha como ter uma relação legal com ele nem dentro da sala de aula, que dirá fora.</p>
	<p>I: Nossa, e quando o professor P precisou parar de dar aulas! Ele dava uma frente de física e quando ele saiu o D ficou no lugar dele; que desespero, teve até alunas que choraram porque além do professor P ser muito querido por todos nós, o pior professor iria entrar no lugar dele. Foi horrível, a gente tinha aulas com o D de física e geometria, ah e teve uma época em que ele dava uma outra frente de matemática também! Era horrível.</p>
	<p>I: No começo eu até não ligava, mas depois eu não consegui mais levar na brincadeira, aquele tom de ironia dele me irritava. Muitas vezes ele me humilhou mesmo na sala de aula e por mais que eu disfarçasse, aquilo me chateava, principalmente no final do terceiro ano, época em que se deu o fato... Pôxa, nessa época a gente fica</p>

	inseguro, é uma pressão muito grande, nós mesmos nos cobramos muito, parece que a gente tem que se testar no vestibular, tem que dar uma satisfação para a família, meus pais nunca me cobraram nada, mas eu me sentia na obrigação de passar...
--	--

A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR NA CONSTITUIÇÃO DA RELAÇÃO DO ALUNO COM A MATEMÁTICA:

Esta categoria mostra alguns relatos do entrevistado que demonstram que o tipo de mediação do professor é fundamental para o interesse do aluno pela matéria. Se esta mediação não for tida pelo aluno como "boa", poderá levar o aluno a se desinteressar pela disciplina e possivelmente o seu desempenho não será dos melhores.

MEDIAÇÃO	EFEITO
I: Ah, várias foram as vezes, é... Os fatos eu até não vêm agora à minha mente exatamente assim, como foi, por que exatamente aconteceu... Mas eram fatos de cotidiano de sala de aula, normais, mas que por se tratar desse professor essas coisas normais se tornavam, assim... Ruins, pela maneira com que ele lidava.	I: Nossa, com certeza, a matemática que eu já não gostava muito, passei a odiar depois do contato com este professor. Eu já era um aluno meio visado, gostava de uma conversa em sala de aula... E durante as aulas desse professor eu meio que piorava!
I: Porque eu achava a aula de horrível, ele não explicava bem, enrolava muito e sempre tinha aquela pose de como se ele fosse bom. Ele deixava claro que não gostava da minha sala, da minha turma, lembra? E isso foi criando uma certa antipatia dele com a gente e conseqüentemente da gente com ele. Aí, ele fingia que explicava, e como todo mundo ficava boiando, ele colocava a culpa na gente, como se nós não tivéssemos capacidade de aprender, como se a culpa da gente não ir bem nas provas fosse exclusivamente nossa.	I: O meu rendimento mesmo em matemática caiu muito, enquanto que nas outras matérias eu ia bem, até nas outras frentes de matemática, a matemática propriamente dita, que tinha outros professores, eu ia bem, só que com ele não. Bom, eu acho que o problema não era comigo né! Mesmo porque, a grande maioria da sala não ia bem na matéria dele, e eu como muitas pessoas peguei birra dele.

<p>I: Ele não gostava de ser professor e isso era bem visível, ele queria ser advogado, ele tem faculdade de direito e não exerce, por que será né?</p>	<p>I: Daí o que acontecia era que a sala inteira acabava no plantão de dúvidas que era dado por outro professor em um outro horário, que geralmente era de manhã, isso é que ajudava um pouco, mas não era sempre que dava para ir no plantão, pôxa em época de vestibular você tem que se virar para dar conta de fazer tudo em menos tempo possível e nos plantões como tinha muita gente, não tinha como sanar dúvidas de todos os alunos... Nossa, quantas vezes o professor do plantão tinha que dar a aula inteira novamente, muitas vezes, porque ninguém tinha entendido nada! Era super corrido e desgastante, tudo bem ir uma vez ou outra no plantão para tirar alguma dúvida, pois dúvidas todo mundo tem realmente não tem como o professor dar conta de sanar todas, mas ter que ir sempre nos plantões aí já é outra história.</p>
<p>I: E quando ele falava mal da cidade, nossa, não tinha nada a ver falar aquelas coisas daqui. O pior é que ele não saía do colégio por mais reclamações que tivesse, acho que ele tinha alguma parte no colégio!</p>	<p>I: Então quando a gente pega birra de um determinado professor, a gente acaba pegando birra da disciplina dele... Pelo menos eu acho isso e muita gente acha isso também.</p>
<p>I: Quase todas as vezes que eu pedia explicação da matéria ele se recusava a explicar e o pessoal mais inibido as sala nem tentada perguntar por medo da reação dele, pois como ele era muito sarcástico, ele poderia humilhar a pessoa...</p>	<p>I: As vezes eu tenho vontade de chegar nele e falar um monte, afinal, eu não sou mais aluno dele, mas até agora não teve uma boa oportunidade, acho que se eu tiver uma, vou falar com ele, numa boa, mas vou falar algumas coisas que estão engasgadas, acho que vou me sentir aliviado porque parece que essa história ainda não teve o desfecho que eu quero.</p>
<p>I: Ele sempre falava: "o momento agora é inoportuno, depois você pergunta", ou então: "eu tiro sua dúvida depois" e nunca aparecia para tirar as dúvidas depois. Ele só atendia os alunos na sala dos professores quando o diretor do colégio se encontrava no colégio, o que era bem</p>	<p>I: Conclusão? Ficamos defasados também em Física, nossas notas que até então eram altas em Física caíram claramente, sem contar as muitas vezes que fizemos aqueles testes; aqueles simulados sem ter tido a matéria de física ou de matemática ou de geometria porque ele fazia um rolo</p>

raro né?

com os horários que no final alguma dessas matéria ficava totalmente em branco na apostila. Isso sem contar que fomos prestar vestibular sem ter tido todas as aulas da apostila e na hora do intensivão, que era um momento para revisar a matéria, nós ficamos loucos para colocar toda aquela matéria nova na cabeça de uma vez só, e eu nem queria ir no intensivão porque não era obrigatório né? Mas aí, teve que ir e antes não tivesse ido.

ANEXO 5:

Texto produzido pelo Sujeito A

A nossa vida com certeza é forjada de influências, positivas, negativas e que mudaram nossa maneira de viver ou de ver a vida.

Com certeza os professores têm grande vantagem nesse jogo de influência e alguns já mudaram meu modo de pensar e não foram poucas vezes que me peguei empolgado, desanimado ou pensando no que eles falaram.

O professor que teve grande participação na minha vida foi o Butti e de uma maneira interessante e que me ajudou na realização de um sonho, editar um livro de poesia totalmente meu.

A poesia é como um lençol de água, em alguns até se torna uma mininha de água, poesias momentâneas e raras, até que essa bica se torna um poço.

O que acontecia comigo, escrevia alguma coisa, mas tinha vergonha, um "molecote" de 14 anos brincando com palavras, esse sentimento me limitou e oprimiu por bastante tempo.

Eu tinha uma "bica de poesia" esperando um toque, esperando que algo acontecesse, que fosse trabalhada e se tornasse um poço.

Conheci o professor Butti no 1º ano do colegial, ele era diferente, empolgante, apaixonado por literatura, principalmente romântica e moderna.

Me mostrou que a poesia podia ser diferente, que não era somente parnasiana, que podia refletir apenas sentimento ou apenas ser uma brincadeira com as palavras.

Ela era o que o dono da caneta queria, uma forma de criar sem fronteiras e totalmente sua.

Uma fato marcante, quando ele levou um bongô e mostrou algumas poesias ritmadas, não músicas, poemas que mantinham mesmo tom, variando com sincronia.

Ele tinha dado o primeiro passo na construção do meu poço, sempre defendendo a criação de poemas, sem medos, sem vergonha alguma.

Outros episódios marcaram a passagem deste obreiro na minha vida, como quando em sua prova ele pediu que transcrevêssemos o hino nacional e eu não consegui.

Fiquei arrasado, ele não apenas havia ajudado na poesia como me mostrou a falta de patriotismo.

Tinha se tornado um amigo me dando altos toques sobre uma paixão minha por uma menina que estudava na escola, inclusive sugerindo que eu escrevesse poemas para ela, não adiantou muito, mas escrevi dois livretos, coletâneas de poemas meus para ela.

Ele foi meu professor por um ano, um ano de literatura e incentivos, um ano de pura poesia, como no filme "Sociedade dos Poetas Mortos", puro "carpe diem".

Após a influência marcante do professor Butti perdi o medo e a vergonha de escrever, arriscando até escrever uma peça teatral.

Meu livro foi editado dois anos depois, ele não estava lá, pelo menos fisicamente, porque suas aulas e incentivos estavam, estão e sempre estarão incrustadas nas minhas poesias.

Eu só tenho a agradecer o incentivo e por ele Ter me mostrado um caminho, como um mestre, um professor, que mesmo nunca mais tendo contato com ele, um eterno amigo. Valeu!

ANEXO 6:

Texto produzido pelo o sujeito B

Ao ser surpreendido com o pedido de uma dissertação sobre um professor que marcou minha vida, fiquei a pensar alguém que me trouxe algo de especial.

Em minha memória lembrava de uma - a- um e, embora todos tivessem sua grande importância e contribuição para meu desenvolvimento, nenhum tinha me marcado a ponto de ser lembrado com mais ou menos ênfase.

E foi bem depois desse pedido, onde já não sabia sobre quem escrever, que um dia ao ajudar uma pessoa na rua, me veio a lembrança de um grande professor; o professor Jurandir.

Na quinta-feira anterior a entrega desta, tive a oportunidade de acompanhar, ajudando uma pessoa com câncer nos pulmões. O estado da pessoa estava monstruoso e notei que não era para qualquer um estar ali, segurando no colo, praticamente um saco de ossos, sem pelos e sem dentes. Por incrível que pareça pude ajudar sem nenhum preconceito e me senti muito útil naquele momento.

Meu professor Jurandir foi, desde o começo da 6ª série, uma pessoa de valores dentro e para fora da escola. Nunca faltava, tinha comprometimento muito grande com o ensino público, não visto normalmente entre os educadores nessa faixa escolar.

Ele lecionava na parte da manhã, sempre de bom humor e com uma enorme vontade de despertar nos alunos o gosto pela história. A qual parecia saber como ninguém.

Não parava por aí seus compromissos com a sociedade. A tarde ele tinha um abrigo em uma chácara para tratar de pessoas com câncer, que não tinham como e nem para onde ir. Sempre trabalhando sozinho seu esforço

para cuidar dessas pessoas parecia que não o afetava em nada, pois ao anoitecer, praticamente viajava para ensinar na zona rural de uma cidade vizinha para pessoas que não tinham como freqüentar uma escola.

Era impressionante ver como uma pessoa que, por ser professor, não ganhava muito, porém ainda assim pagava para ensinar pessoas que não têm oportunidade de crescimento.

Naquele ano fui marcado não apenas por um professor, mas também por um herói. Mesmo não estando constante em meu pensamento, está presente no interior do meu ser, como um exemplo a ser seguido.

Infelizmente foi apenas um ano de convivência e aprendizagem.

No fim desse ano sua filha única morreu da doença que ele ajudava a cuidar. Sem rumo passou em um bom concurso e foi embora da cidade tentar reconstruir sua vida.

Muitas vezes depois vim a saber que sua chácara ainda funcionava e que com a mesma disposição, ele controlava tudo à distância.

Foi uma grande bênção saber que existe e conviver com uma pessoa como o professor Jurandir. Que Deus o abençoe sempre, onde quer que ele esteja.

ANEXO 7:

Texto produzido pelo sujeito D

Infelizmente em minha trajetória tive professores que me marcaram de forma negativa. Felizmente, porém, tive mestres marcantes de maneira positiva também.

Gostaria de dizer sobre o que mais me marcou negativamente.

Estava eu estudando no 3º colegial com o intuito de ingressar na sonhada faculdade de direito. Era dezembro de 1998 e eu, no calor dos vestibulares, cansado, nervoso, estressado, resolvi tecer um comentário sobre a matéria colocada na lousa – matemática – a qual, vale dizer, eu nunca gostei e o professor Dalton da Costa duramente me repreendeu, ofendendo-me na frente de mais de 80 alunos. Imagine o desgosto, as chacotas que tive que suportar... (se fosse hoje, eu no 4º ano de direito já iria pedir dano moral).

Após o fatídico episódio, não mais retornei ao colégio, por não querer mais encontrar o referido elemento, que me fez suportar tremendo desgosto.

A influência negativa foi uma terrível perda da minha auto estima, achei que nunca iria passar no vestibular, e mesmo depois de aprovado fiquei temeroso de não dar conta do recado.

